

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Maio-Junho de 1999

EVANGELISMO

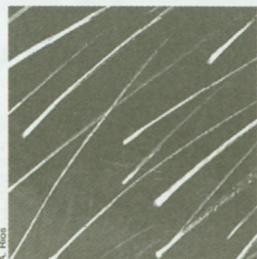
**A sublime paixão
de um pastor**

**Os 1290 e 1335 dias
de Daniel**



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia



ARTIGOS

12 A MARCHA DOS SINAIS

Uma análise dos sinais cósmicos do fim.

14 O HOMEM, A VISÃO E O MINISTÉRIO

Uma homenagem a um pioneiro do ministério educacional.

16 OS 1290 E 1335 DIAS DE DANIEL

Como entender corretamente dois importantes períodos proféticos do Velho Testamento.

19 CAÇADORES DE ALEGRIA

"A alegria é tão diferente do prazer como a jóia difere do estojo que a encerra."

21 MINHA SUBLIME PAIXÃO

Pregador de fama internacional abre o coração e exalta o evangelismo público.



26 A REAFIRMAÇÃO DO GÊNESIS

Uma reflexão sobre o criacionismo.

28 ENCONTRO COM O CRIADOR

O corre-corre pastoral não deve privar o ministro da comunhão sabática com Deus.

SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

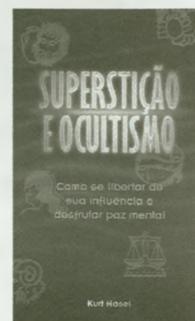
7 AFAM

9 PONTO DE VISTA

24 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS



Ano 70 – Número 03 – Mai./Jun. 1999
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Helder Roger C. Silva; Ivanando B. Oliveira; Izéas S. Cardoso; José S. Ferreira; Mário Valente; **Capa:** Werner Bienemam

Visite o nosso site: www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br

Redação: redacao@cpb.com.br

Ministério na Internet: www.mensagem.com/ministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34, 18270-000 Tatuí, SP

A oração de Jesus



Um dos mais preciosos capítulos da Bíblia é o 17º do Evangelho de João. Ele relata a oração de Jesus por Seus discípulos e por aqueles que viriam a crer nEle pela palavra dos discípulos.

Cristo vivia a expectativa da dramática conclusão de seu ministério terrestre. Esperavam-No a solidão do Getsêmani, o beijo traidor de Judas, a separação do Pai, o balcão de julgamento de Pilatos, a negação de Pedro, os açoites e solavancos, a coroa de espinhos, a cruz, o calvário e a sepultura. Mas Ele olhou além de tudo isso e orou por você e por mim.

A oração começa falando da glória e do fim da missão. Diz que os discípulos aceitaram a revelação e a missão (vs. 1-8). A hora é o momento em que a missão chega à sua plenitude; e é o momento em que se manifesta a ação de maior poder que Cristo realizou em toda a Sua missão. Nesse sentido é a hora de Sua glorificação e a hora em que glorifica o Pai. Ele não marchou para a morte como um soldado hesitante, mas como um general conquistador. A hora da Sua morte

foi a hora da magnificente glória, porque foi a clara demonstração, diante do Universo, do amor do Pai.

O primeiro pedido mencionado na oração está relacionado com Seus discípulos; e roga ao Pai que os guarde em Seu nome e que os santifique em Sua verdade (vs. 9-19). Jesus como que diz: "Eu não oro para que Meus seguidores se fechem atrás dos muros de algum monastério, mas para que, em meio ao feroz ataque de Satanás, seu coração e mente sejam transformados, através da santificadora influência da Minha Palavra. Oro para que, através da Minha Palavra, sua mente seja protegida do mal que há no mundo."

Jesus está dizendo, nesse pedido, que, em meio às idas e vindas da vida moderna, quando valores são distorcidos e prioridades confundidas; num mundo onde a manipulação de consciências e chantagem de pessoas parecem marca registrada das ações dos homens; onde a obsessão pelo exercício do poder supera o prazer de servir por amor; onde o certo é errado e o errado é tido como certo, devemos ter a mente e o coração cheios das verdades da Sua Palavra. Que os princípios aí enunciados sejam o nosso escudo; e o "está escrito", a nossa defesa; o referencial para todas as nossas atitudes e decisões na vida pessoal, familiar e vocacional.

Embora no mundo, não somos do mundo. Ele é nosso ambiente, mas não é nossa morada. É o objeto de nossa atividade missionária, mas não devemos ser mundanos nem agir segundo seus princípios e maneirismos.

O outro pedido de Jesus está relacionado com os que creram pela palavra dos discípulos (vs. 20-26). Ele ora pela unidade de Seus filhos. Unidade doutrinária, missionária, organizacional, de fé, de esperança e de comunhão. É uma unidade de crença e salvação da qual haveria de

fluir certa harmonia de propósitos, desígnios e objetivos, em lugar de aspirações pessoais egoístas. Tal unidade tem objetivo evangelístico: "Para que o mundo creia que Tu Me enviaste." A maior evidência de que Cristo veio ao mundo é vista na transformação operada em nosso coração, eliminando barreiras e preconceitos; aparando arestas e diferenças; motivando-nos à aceitação mútua, como irmãos no sangue de Cristo.

A verdadeira unidade da Igreja, em que os crentes vivem em harmonia, noteados para propósitos comuns e elevados; onde cada membro ame os demais, assistindo-se mutuamente, e buscando o bem mútuo, é uma poderosa lição objetiva, aos olhos do mundo inteiro, acerca da validade da missão de Cristo. Prova que Sua missão Lhe fora confiada verdadeiramente pelo Pai.

No verso 24, Jesus alcança o clímax de Sua oração. Ele sabia que além do sofrimento, da rejeição e morte na cruz, haveria a manhã da ressurreição, o romper das cadeias da sepultura. Sim, haveria a vitória, a gloriosa ascensão. Após o Céu e o Universo terem sorvido o cálice amargo do Getsêmani e do Calvário, o Senhor vitorioso sobre o pecado e a morte; o Salvador ressurreto que esmagou a cabeça da serpente, entra no glorioso esplendor do Céu.

É aí que Ele espera receber-nos, para que gozemos Sua companhia pelos séculos da eternidade. Enquanto isso não acontece, devemos continuar diligentes no cumprimento da tarefa que Ele nos confiou, animados pelas palavras da Sua inspiração: "Sê paciente, soldado cristão. Ainda um pouco, e Aquele que há de vir virá. A noite de fatigante esperar, de vigia e tristeza, está quase passada. Em breve será dada a recompensa; o dia eterno há de raiar." – *Serviço Cristão*, pág. 275. – *Zinaldo A. Santos*.

Missão possível

JOHN GRAZ

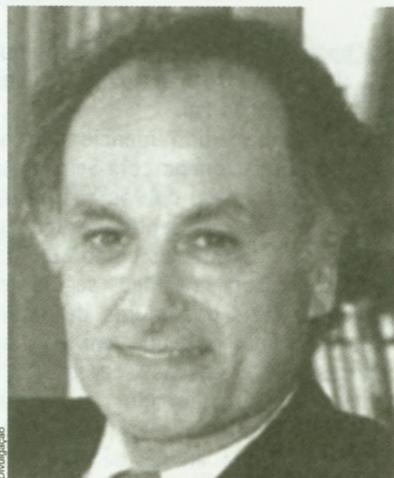
As atrocidades cometidas contra os judeus, durante a Segunda Guerra Mundial, produziram uma profunda ferida nesse povo, assim como nos cristãos, em virtude da participação destes no massacre. Portadores de uma missão evangelizadora de todos os povos, nações e línguas, os cristãos encontraram-se diante de um dilema, depois do holocausto nazista: como alcançar o povo judeu com a mensagem de Cristo Jesus? Para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com sua missão escatológica, encontrar a resposta para essa pergunta é indispensável.

Nesta entrevista, concedida ao Dr. John Graz, o Dr. Jacques Doukhan expõe princípios fundamentais para o relacionamento dos cristãos com os judeus. O Dr. Jacques é diretor do Instituto de Estudos Judaico-Cristãos do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos. Por sua vez o Dr. John Graz lidera o Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa da Associação Geral da Igreja Adventista.

A seguir, os principais trechos da entrevista, extraída da revista *Ministry*.

Ministério: *O senhor tem dedicado sua vida a uma melhor compreensão entre judeus e cristãos. Essa não é uma missão impossível?*

Dr. Jacques Doukhan: Eu sinto uma particular responsabilidade pelo relacionamento entre judeus e cristãos. Se é uma missão impossível, eu não sei. Certamente é um desafio, por muitas razões. Há uma dolorosa e vergonhosa história entre eles; há muitíssimo preconceito e não menos ignorância; e, pior, existe muita indiferença de ambos os lados. O fato que eu tenha dedicado minha vida a essa tarefa, no entanto, implica a minha crença de



Dr. Jacques Doukhan

que o esforço é válido. Sempre existe a esperança de que não seja uma missão impossível. É também minha profunda convicção que, de certa forma, a natureza e o destino tanto do judaísmo como do cristianismo dependem da qualidade do seu relacionamento. Através desse relacionamento, judeus e cristãos podem não apenas aprender a amar e respeitar-se mutuamente, mas também descobrir um no outro alguma coisa importante a respeito de sua própria identidade. Isso não é importante somente por razões históricas e psicológicas, mas para a questão mais vital da salvação. Suponho que a principal razão para dedicar minha vida a esse relacionamento não é simplesmente teológica ou acadêmica. É um assunto existencial. Trago na carne as tensões judaico-cristãs.

Ministério: *O senhor cresceu numa família judia, mas junto com seu pai aceitou a Cristo como o Messias. Isso significa que, pessoalmente, experimentou as tensões entre duas fortes identidades. É possível ser judeu e cristão?*

Dr. Jacques: Meu pai ia se tornar um rabi, quando algumas circunstâncias dra-

máticas nos confrontaram com a possibilidade de ser Jesus o Messias judeu. Para ele e também para mim, essa descoberta foi traumática. Um choque para toda nossa família e para a comunidade judaica de nossa pequena cidade no interior da Argélia. Minha mãe nunca aceitou. Ela era forte opositora e lutou duramente contra a idéia. Muitos membros da família entrevistaram. Amigos e rabis vieram conversar conosco. Não era uma escolha fácil. A luta de meu pai foi intensa, porque ele permaneceu fiel à sua identidade judaica, assistindo à sinagoga e observando os festivais judaicos. Ele sempre considerou-se um judeu. Nesse contexto eu fui exposto à mensagem cristã. Foi através de meu pai e com ele, através de suas questões e seu sofrimento, que eu descobri a figura de Cristo, o Messias. Como meu pai, nunca rejeitei minhas raízes. Mergulhei na tradição judaica, e meu pai me imprimia os valores judaicos tais como o intenso estudo das Escrituras, a importância da ética, a reverência ao sábado, a afirmação da vida, etc. Conhecia o hebraico; mais tarde aprofundei-me na linguagem rabinica e na literatura hebraica na Universidade de Strasburgo, onde obtive um doutorado. E ainda assistia ao *yeshiva* por muitos anos. Queria aprender o máximo que pudesse para assegurar-me de que a escolha era correta. No curso dessa jornada, não apenas aprendi de meu pai, como também compreendi a luta apaixonada de minha mãe. Voltando à sua questão, primeiramente sou tentado a responder sim. Lembre-se de que os primeiros cristãos foram judeus, e para eles as duas identidades não foram mutuamente excludentes. Eles não rejeitaram suas raízes. Olhando por esse prisma, sim; é possível ser judeu e cristão. Mas não é fácil. É difícil, e de certo modo intolerável, reconhecer e abraçar valores e verdades de um povo, que também foi seu opressor.

Ministério: *Suponho que quando um*

judeu ouve o nome Jesus não pensa em Sua pessoa, mas no que os cristãos fizeram. Há alguma esperança de reconciliação, depois de Auschwitz?

Dr. Jacques: Você tocou justamente na corda mais sensível. Como certa vez disse o presidente norte-americano Bill Clinton, "é difícil dissociar a mensagem do mensageiro". Devido à dolorosa história que você lembrou, o nome de Jesus tem sido associado na consciência do judeu com massacre, discriminação e rejeição durante dois mil anos, o sistemático "ensino do desprezo", tudo culminando com Auschwitz. Muitos cristãos ainda não compreendem a natureza dessa conexão; e, conscienciosamente ou não, nutrem sua mente com o antigo veneno, ensinando e pregando contra os judeus que são responsabilizados pelo mais horrível crime da humanidade: o assassinato de Deus. Ao lado disso há o conceito teológico que nega aos judeus e a Israel o direito de ser Israel, dizendo que o verdadeiro Israel é um outro povo, uma teoria tida como um holocausto espiritual. Além de outras idéias como o mito da conspiração judaica, a associação do judeu com fraude e ganho fácil, etc. Enquanto os cristãos não compreenderem e não reconhecerem sua responsabilidade em Auschwitz; enquanto eles alimentarem preconceitos e idéias anti-semiticas, é difícil a reconciliação. Com Auschwitz, o problema judeu-cristão chegou a um ponto sem retorno. Depois de Auschwitz a esperança de reconciliação está associada a uma genuína conversão da parte dos cristãos. Enquanto eles não levarem a sério o seu pecado de anti-semitismo, arrependerem-se e reconhecerem as raízes judaicas que possuem, não há esperança de reconciliação. Como resultado, podemos até dizer que não há esperança para qualquer tipo de reconciliação, e isso significa especialmente a reconciliação dos cristãos com o Deus de Israel.

Ministério: Num de seus livros, o senhor explica quão difícil é para um judeu que aceita a Cristo ser aceito por outros judeus. E quanto aos cristãos? É fácil para um judeu tornar-se membro da comunidade cristã? Como se sente entre nós?

Dr. Jacques: É verdade que nos últimos anos alguns judeus que se identificam como cristãos tiveram sua cidadania israelita recusada. Esse nem sempre foi o caso, e alguns experts políticos acham que essa lei pode ser mudada no futuro. Devo também acrescentar que de acordo com a lei judaica (*Halakhah*), um judeu sempre permanece judeu independente do que ele

faça, mesmo que se torne um cristão. Ironicamente, o nazismo demonstrou a verdade desse pensamento. O anti-semita Drumont costumava dizer que "quando um judeu torna-se cristão, ganhamos mais um cristão, mas não temos um judeu a menos". No que me diz respeito, apesar da sua desaprovação, minha família e meus amigos judeus nunca me rejeitaram como judeu. Eles me consideram um marginalzinho, mas me respeitam mesmo quando ficam aborrecidos comigo. Quanto à minha integração na sociedade cristã, isso é mais complexo. Nunca encobri minha identidade judaica; aliás, tenho-a confirmado em minhas palestras, meus escritos e em conversas privadas. E isso é claramente reconhecido em minha vida profissional. Leciono estudos hebraicos e judaicos. Estou envolvido num diálogo judeu-cristão e sou membro da Sociedade de Estudos Judaicos, diretor do recém-criado Instituto de Estudos Judaico-Cristãos da Universidade Andrews, e editor de dois jornais sobre o assunto (*Shabbat Shalom* e *L'Olivier*). Tudo isso diz muito sobre minha identidade judaica. Todavia, o fato de que você tenha feito a pergunta nesses termos sugere que de alguma forma eu permaneci um estranho. Assim, minha resposta deve ser ambivalente. Sim, eu me sinto bem aceito. Sinto que sou um de vocês. Mas sendo um judeu numa sociedade cristã, sou constantemente lembrado do problema judeu-cristão: piadas "inocentes", declarações teologicamente generalizadas, sorrisos sugestivos, e também algumas experiências desagradáveis sempre tocam na mesma ferida. Mas eu tenho muitos bons amigos, e você é um deles, com os quais eu me sinto à vontade sendo eu mesmo, e com os quais essa questão torna-se irrelevante.

Ministério: As palestras que o senhor faz ao redor do mundo têm muito sucesso. Cerca de 80% dos assistentes são judeus. Como explica isso?

Dr. Jacques: Tenho falado em muitas cidades da França, Suíça, Canadá e, mais recentemente, Austrália. Fico maravilhado com o grande interesse demonstrado por muitos judeus e cristãos nos assuntos em debate. Sempre é difícil explicar o sucesso, especialmente se estamos envolvidos. No entanto, penso (falando em termos humanos) que a resposta de muitos judeus talvez seja devida aos meus antecedentes pessoais e acadêmicos, meus estudos feitos em Jerusalém, meus escritos. O povo está intrigado. Também é verdade

que minhas apresentações como um professor universitário têm uma imagem mais neutra e, portanto, insuspeita. Além disso, penso que muitos judeus assistem às minhas conferências precisamente por causa dos tópicos escolhidos e porque estou discutindo assuntos que eles têm em mente. Não estou falando apenas a judeus, mas também a cristãos. Devido à inter-relação dos temas, cheguei à conclusão de que o modo mais efetivo para comunicar com um grupo é relacioná-lo com o outro. Minhas palestras revolvem as tensões judaico-cristãs, e eu confronto as duas partes. Falando aos judeus, eu poderia acabar sendo ofensivo e suspeito. Mas essa não é uma estratégia sábia para atraí-los. Então apresento minhas descobertas e minha mensagem com honestidade e sinceridade, mas também com paixão e profunda convicção. Faço isso de tal maneira que novas perspectivas e percepções são sugeridas. Embora eu permaneça respeitoso às várias sensibilidades culturais e religiosas, abordo questões polêmicas como o *Torah*, o sábado, o Messias, a condição do homem na morte, sem deixar de lado as questões humanas como o anti-semitismo, o holocausto, Israel, e o diálogo interconfessional. Lembro-me de uma estudante de doutorado em teologia, católica romana, que me procurou em estado de choque, após uma das conferências. Jamais ouvira o que eu falara, e queria saber mais. Há também o caso de um jovem israelita que ficou perplexo com minhas explicações e solicitou literatura para exame posterior. Certa vez tive que falar longamente com uma senhora polonesa judia, sobrevivente do holocausto. Ela desmanchava-se em lágrimas. Outra senhora presbiteriana se disse surpresa e muito desapontada de que a conferência não tivesse sido divulgada por associações judaico-cristãs.

Ministério: Como a comunidade judaica reage às suas conferências?

Dr. Jacques: Devo dizer que a aceitação é ambivalente. Primeiramente, eles ficam desconfiados. Alguns até indignados. Mas depois da primeira palestra e de conversação privada, tornam-se mais atenciosos e interessados. Em Marselha, fui convidado para falar numa rádio judaica. Não somente fui entrevistado, mas tive o meu livro divulgado e algumas palestras transmitidas ao vivo. Um rabino adquiriu muitas gravações sobre "Sábado e esperança". Em Melbourne, fui entrevistado numa emissora israelita e pude falar em hebraico

sobre as conferências. A entrevista foi transmitida para muitos lugares onde vivem os judeus.

Ministério: *Muitas organizações cristãs estão tentando converter judeus, suscitando fortes reações contrárias. É possível partilhar a esperança cristã sem ferir sensibilidades?*

Dr. Jacques: Hoje, depois do holocausto e de muitos esforços para eliminar os judeus do cenário da História, qualquer tentativa de convertê-los suscitará reações fortes. Os cristãos que desejam partilhar com os judeus a esperança de Jesus devem, portanto, perguntar-se primeiramente sobre seus reais motivos. Por que desejam converter os judeus? Querem transformá-los à sua imagem e assim apagar sua identidade? É possível os cristãos partilharem sua esperança com os judeus, desde que isso não represente uma ameaça à identidade judaica. A riqueza e a beleza da herança judaica devem ser respeitadas. Outra questão envolvida é o conteúdo da esperança sobre a qual estamos falando. Estamos oferecendo aos judeus algo que vai enriquecê-los ou empobrecê-los? Necessitam realmente do que estou querendo partilhar com eles? Sei que isso pode chocar alguns cristãos que dificilmente vêem quaisquer outros valores e verdades fora do seu círculo e dos seus hábitos de pensamento. Mas essa é uma questão importante, pois ela é uma forma de testar se temos ou não a maneira correta de aproximação. Através dela, o cristão é compelido a situar-se, a testar suas convicções, a assegurar-se de que sua fé cristã não é uma simples aparência de cultura; que é, de fato, uma rica, vital e profunda experiência que tem uma qualidade universal. Em outras palavras, a conversão do cristão é um pré-requisito para a conversão do judeu.

Ministério: *Devemos nos tornar judeus para ser aceitos por eles?*

Dr. Jacques: Não, não penso isso. Na verdade, o apóstolo Paulo sugeriu esta aproximação: grego com grego, judeu com judeu. Mas isso não implica mudança da nossa identidade a fim de poder alcançar os judeus. Um homem não necessita mudar de sexo para ganhar uma mulher para Cristo e vice-versa. Os gregos sabiam que Paulo era judeu. Ele não podia esconder isso. Mas pelo menos ele podia tentar falar a linguagem dos gregos, compreender sua cultura e começar onde eles estavam, mesmo que isso significasse fazer uma re-

ferência a um deus pagão, como foi o caso em Atenas. Ele não podia mascarar-se de um fidalgo grego. Permanecia judeu e discursava ao povo, levando em consideração sua cultura e seu contexto social.

Ministério: *O senhor está se referindo ao princípio missiológico de contextualização?*

Dr. Jacques: Sim. Mas há sempre uma confusão quando ele vem à baila. Você não pode ser naturalmente o que você não é. Do contrário, será uma comédia, e nem sempre bem feita. Aí a mensagem não é comunicada; se o for, será recebida como uma fraude. Não será levada a sério. Tenho observado em tais casos que o jogo é desmascarado muito rapidamente, e o resultado é catastrófico. No que tange aos judeus, você pode estar seguro de que eles facilmente detectam a falsidade. E ficam ofendidos e tristes com você, ou escarnecem de você. Isso nada tem a ver com o princípio de contextualização compreendido pelo apóstolo Paulo, para não mencionar o problema ético. Você não pode testemunhar da verdade enquanto não é verdadeiro. É o senso comum. Seja você e não tente duplicar-se mecanicamente. Respeite as diferenças, deixe os judeus permanecerem como tais. Então, a verdadeira comunicação acontecerá, e você e eles serão capazes de ouvir um ao outro e receber um do outro.

Ministério: *O que pode ser feito para melhorar a conexão entre judeus e cristãos?*

Dr. Jacques: Há muito a ser feito. E isso, na verdade, preocupa os dois grupos. É por isso que temos o jornal *Shabat Shalom*, cujo título já sugere a filosofia e o programa nele contidos. Queremos promover uma melhor compreensão entre nós e os judeus. Nosso objetivo é a reconciliação, o *shalom*, a paz, que tem raízes no ideal comum do *shabat*. Judeus e adventistas do sétimo dia ainda não estão bem cientes dos pontos comuns que mutuamente possuem. Ao lado da observância do sábado, existem a visão global da vida, os princípios de saúde, a importância das Escrituras, etc. Judeus e adventistas do sétimo dia necessitam se conhecer mais. Por isso nosso jornal faz entrevistas e matérias com personalidades dos dois lados. Além disso trata de vários assuntos como sofrimento, sábado, lei, esperança, etc., sempre a partir de uma perspectiva judaico-cristã.

Ministério: *Poderia sugerir algumas idéias para ajudar nesse trabalho?*

Dr. Jacques: Tenho pelo menos sete idéias: 1) Trabalhe seriamente com seu corpo, alma e boca para purificar-se de qualquer tipo de preconceito anti-semitico. Torne-se amigo do judeu. 2) Crie oportunidades para interação. Promova eventos culturais de interesse judaico-cristão, em ocasiões especiais. Assista, sempre que possível, a eventos organizados pela comunidade judaica. Participe de alguma associação que congregue os dois grupos. 3) Introduza na liturgia cantos e leituras de inspiração judaica. Isso freqüentemente aumentará sua compreensão e a comunicação de sua veracidade. Convide os judeus para o culto. 4) Evite usar quadros com a figura de Cristo ou da cruz. Esses sinais às vezes são tidos como idolatria. No que tange à cruz, é sempre associada à dolorosa opressão, na mente judaica. Lembre-se de que a cruz remete à crucificação que inspirou as Cruzadas e o Pogrome (movimento popular de violência contra os judeus). Ao lado disso, o gosto tradicional dos cristãos por cruces pode sugerir uma preocupação mórbida com a morte que fere a sensibilidade natural dos judeus, afirmativa do valor da vida. 5) Organize exposições em sua comunidade para criar uma conscientização positiva em favor dos judeus. 6) Promova literatura informativa sobre a comunidade judaica. 7) Providencie para que livros, revistas, jornais, fitas de vídeo, etc., sobre os judeus, estejam disponíveis às pessoas.

Ministério: *O senhor acha que algum dia um bom judeu conseguirá usar o nome de Jesus, desprovido de sentimentos de mágoa?*

Dr. Jacques: Definitivamente sim. E eu acredito que esse dia está próximo. Eu mesmo sou um exemplo, entre muitos outros. Paradoxalmente, depois do holocausto e da criação do Estado de Israel, mais e mais judeus estão sendo capazes de separar a pessoa de Cristo do testemunho ofensivo de boa parte dos cristãos. É interessante que muito mais tem sido escrito sobre Jesus, em hebraico, nos últimos trinta anos do que nos dezoito séculos anteriores. Ao mesmo tempo que os cristãos começam a reconsiderar suas raízes judaicas e aprender a amar a lei do Deus de Israel, muitos judeus começam também a compreender que Jesus pertence à sua herança e como tal merece sua atenção. Sim, eu acredito que há fortes razões para crer que nossa tarefa não é, definitivamente, uma missão impossível.

As boas-novas do sepulcro

HYVETH WILLIAMS

Líder da igreja adventista em Campus Hill, Loma Linda, Estados Unidos



Trinta e nove membros da seita Porta do Céu entregaram voluntária e prazerosamente a vida, com a idéia de viajar para a eternidade em uma nave espacial escondida na cauda do cometa Hale-Bopp.

Quão sinistro foi poder ver as fitas de vídeo em que aquelas pessoas apareciam alegremente abraçando a morte. Suas malas estavam elegantemente arrumadas, e elas estavam vestidas com uniformes ostentando marcas da Porta do Céu. Tinham sapatos novos, enquanto bebiam um coquetel venenoso, preparando-se bravamente para ir onde, elas imaginavam, ninguém tinha ido antes.

Ao contrário de suas expectativas, no entanto, aquelas pessoas não subiram para o Céu. Em vez disso, desceram ao sepulcro, onde permanecerão com incontáveis mortos até o dia do final ajuste de contas. Enquanto isso, os que ainda vivem devem continuar encarando a realidade da sepultura, cujo único propósito parece ser roubar nossos entes queridos.

Desde a minha mais tenra infância, quando vi minha querida avó ser colocada em uma enorme sepultura, passei a associá-la com tristeza e depressão. Depois de tudo, nada significativo tem sido tirado de

uma sepultura. Grandes descobertas científicas são feitas em todos os tipos de lugares, sob todas as circunstâncias, mas nunca numa sepultura. As grandes batalhas da História têm sido travadas na terra e no mar, no ar e no espaço, mas nunca numa sepultura. Arrebatadores discursos, pronunciamentos de poetas e governantes, de notáveis oradores ou pessoas comuns jamais foram feitos numa sepultura, que parece ser o mais repugnante lugar da Terra. Mas graças sejam dadas a Deus que, através de Jesus Cristo, deu-me uma nova atitude e uma nova compreensão de modo que eu possa hoje trazer boas-novas vindas de uma sepultura.

E essas boas-novas são encontradas em Mateus 28:1-7, uma narrativa que começa depois da crucifixão e do sepultamento de Jesus: "No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do Céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste alva como a neve. E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos. Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como havia dito. Vinde ver onde Ele jazia. Ide, pois, depressa, e dizei aos Seus discípulos que Ele ressuscitou dos mortos, e vai adiante de vós para a Galiléia; ali O vereis. É como vos digo!"

A descoberta

Finalmente passara aquele sábado histórico, de tristeza e pesar. Nascia o primeiro dia da semana. Maria Madalena e a outra Maria, juntamente com outras mulheres mencionadas por outros escritores evangé-

licos, ansiosamente voltaram para ver o sepulcro onde Jesus fora colocado. Elas queriam completar o trabalho de ungir o Seu corpo, interrompido durante o sábado.

O verso dois informa que houve um incrível terremoto. Na sexta-feira anterior, a Terra tremera como que lamentando a morte de Cristo, mas naquela manhã voltou a ser sacudida, pela alegria de Sua ressurreição, através de outro terremoto. O mundo foi abalado por esse incrível milagre do retorno de Cristo à vida, depois que Ele voluntariamente a depôs em pagamento por nosso pecado. Então veio o anjo e rolou a grande pedra que vedava a entrada da tumba. Os guardas romanos que a vigiavam testemunharam o trabalho do anjo e foram tomados de pavor, caindo como se estivessem mortos.

Quando as mulheres chegaram ao túmulo, estavam ainda assustadas e cheias de perplexidade, até que o anjo lhes deu a primeira parte das boas-novas daquela sepultura vazia: Não tenham medo, pois eu sei que vocês estão procurando Jesus que foi crucificado. Vocês vieram ver o corpo morto de um homem especial, mas quero dizer-lhes que estão prestes a testemunhar o milagre de seu Senhor vivo.

"Não temais", disse o anjo. Na linguagem grega essa expressão é uma proibição subjuntiva, geralmente empregada de duas formas. A primeira é uma amigável persuasão destinada a livrar alguém de envolver-se num curso de ação não experimentado antes. A segunda é um imperativo; um mandamento urgente para deter uma ação já iniciada.

Este é o quadro: as mulheres estavam tremendo de medo quando o anjo lhes disse: vocês já começaram a temer, mas parem por aqui. Não fiquem trêmulas, nem temerosas. Os soldados são as únicas pessoas aqui que devem temer, pois

eles são inimigos do nosso Senhor; mas vocês são Suas amigas. Não temam. Hoje, damos a mesma mensagem de boas-novas, embora ela venha da boca de uma sepultura vazia: "Não temais."

Como não temer? A sociedade inteira repousa no temor. Oswald Chambers disse certa vez que a primeira civilização foi fundada por Caim, um assassino, e toda a base da vida civilizada é um vasto, complicado e superdourado sistema de assassinato e temor. Observe como nós vivemos. Somos prisioneiros em nossas próprias casas. Empresas de segurança e fábricas de alarme prosperam por causa do nosso temor. Estamos temerosos dentro do nosso lar, em nosso trabalho, dirigindo nosso automóvel. Sempre estamos temerosos de alguém ou de alguma coisa. Alguns temem fracassar, e por isso nada tentam na vida; outros estão temendo e agonizando em meio a seus males físicos e emocionais.

Diante disso, esta tem de ser a maior notícia: que um anjo enviado por Deus nos ordenou ficar livres do temor, embora tenhamos começado a senti-lo. O temor já faz parte da vida e da linguagem humana. Tanto é assim que quando alguém nos convida a acompanhá-lo para escolher algum produto que estamos procurando, dentro de uma loja, até hesitamos.

O temor é inimigo da fé. Nosso Deus está vivo e olha para nós. Ele está ao nosso lado; "quem será contra nós?" Nem altura nem profundidade, nem o passado, presente ou futuro, nem principados ou poderes, nem demônios, nem pessoas, nem oposição, nem doença ou morte, nem a sepultura. Um dia qualquer, nosso Deus virá triunfantemente nas nuvens e clamará: "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (I Cor. 15:55).

A morte vencida

A segunda parte das boas-novas é o coração do testemunho do anjo para as mulheres. É justamente o que Paulo instou para que Timóteo jamais esquecesse; e todo o Novo Testamento clama à presente geração para que igualmente não se esqueça, isto é, que Jesus Cristo não está no sepulcro. "Ele não está aqui", disse o anjo. Ele ressuscitou. A morte não poderia subjugar-Lo para sempre.

A morte, o salário do pecado, começou com o ato de uma mulher no Jardim do Éden. E a uma mulher foi dado o primeiro anúncio da ressurreição e a segurança de que Jesus Cristo tinha vencido, pagando toda a dívida do pecado, cum-

prindo a pena pela humanidade inteira.

Ele ressuscitou, assentou-Se à direita do Pai nos lugares celestiais, e porque Ele vive, a verdade também vive. Porque Jesus vive, a esperança permanece. Porque Jesus vive, o amor triunfou e a virtude está justificada. A justiça é imputada e a santificação é compartilhada a todos quantos vêem a Jesus, indignos como são. Porque Jesus vive, a salvação chegou, a graça é suficiente, a misericórdia é ilimitada e a santidade é real. Porque Jesus vive, o oprimido será libertado, a justiça será feita, o juízo será definitivo. Porque Jesus vive, não nos entristecemos como os que não têm esperança. Porque Jesus vive, nós viveremos. Sim, de uma sepultura vazia vem uma mensagem que alegra o coração.

O chamado evangélico

Outra parte das boas-novas que nos chegam a partir da sepultura vazia contém instruções importantes para nós hoje: "Ide, pois, depressa e dizei aos Seus discípulos que Ele ressuscitou dos mortos..." (Mat. 28:7). Lembre-se de que os discípulos tinham abandonado Cristo. Eles não permaneceram com o Mestre até à cruz. Não ajudaram no Seu sepultamento, de modo que não foram honrados com a visão dos anjos, nem com o primeiro sinal de Sua ressurreição. Esse privilégio foi reservado às fiéis mulheres, que assim receberam a missão de divulgar a mensagem – uma antecipação do ministério que elas e todos nós devemos desempenhar na Igreja de Cristo até que Ele volte.

Aquela era uma graciosa mensagem, cheia de doçura para aqueles que abandonaram seu Senhor na hora do perigo. Era uma mensagem cheia de perdão e amor para a consciência ferida dos discípulos. E é nossa mensagem para hoje. Temos a responsabilidade de anunciar ao povo que Jesus Cristo ressuscitou. O mundo não sabe, experimentalmente, que Jesus Cristo morreu para que todos quantos se sintam perdidos e mortos em pecado possam ser ressurretos nEle e se tornem novas criaturas. Essa é a maior boa-nova da sepultura.

Ele vive

Na época em que eu liderava uma igreja em Boston, o sobrinho adolescente de um dos nossos membros foi atingido pela arma de um marginal, numa sexta-feira à tarde, na cidade de Nova York. A bala alojou-se na parte posterior da cabeça do garoto, deixando-o inconsciente. Os exames confirmaram que não havia esperança de recuperação. Sábado pela manhã, nosso

irmão Gilberto, o tio, foi chamado às pressas pela família, a fim de dar o último adeus ao sobrinho. Enquanto isso, nós tínhamos nossa reunião matinal regular de oração, e ele esteve rapidamente no local onde nos encontrávamos, em busca do apoio de nossas orações. O Pastor Ken Baumgarten, meu associado, reuniu-se comigo e mais umas seis pessoas, num círculo intensivo de oração. Alguém implorou a Deus para ir à frente do irmão Gilberto e operar um milagre.

Algumas horas depois, ao lado da cama do seu sobrinho, tomando suas mãos frias, o irmão Gilberto começou a chorar e orar. Ele disse: "Senhor, és nosso Salvador ressurreto. Podes fazer alguma coisa especial por nós e por esse menino." Enquanto ele sussurrava seu urgente pedido, o garoto começou a tossir tão forte que expeliu sangue pela boca. Uma enfermeira foi chamada imediatamente para limpar o sangue que poderia bloquear a respiração do moço. À medida que limpava a boca do rapaz, percebeu que a bala saía junto com o sangue.

Os médicos ficaram abismados. Eles enfatizaram posteriormente que não havia maneira de a bala ter saído de onde se encontrava, para a boca, sem destruir tecidos vitais para a sobrevivência do jovem. Deus tinha efetivamente chegado antes do irmão Gilberto e realizado esse inacreditável milagre em seu sobrinho, que, dentro de uma semana estava recebendo alta do hospital. E continua bem até hoje.

Nosso Deus estará à nossa frente em tempos de perturbação. O Senhor está indo adiante de nós, na doença e na saúde, na alegria e na tristeza. Ele irá adiante em nosso casamento, para aparar as arestas, eliminar asperezas, restaurar a paz e a compreensão, quando nenhuma outra ajuda for capaz de fazê-lo. Ele irá adiante de nós, com nossos filhos, nivelando as montanhas da rebeldia e do choque de gerações. Ele irá adiante de nós, no trabalho, e endireitará os caminhos tortuosos. Ele irá adiante de nós, sempre, para elevar os vales do desapontamento e iluminar a sombra da morte.

Assim, neste mundo de temor, de angústia e de morte, a maior descoberta para a humanidade não foi quando aprendemos a utilizar a força da eletricidade ou quando dividimos o átomo; nem mesmo quando criamos o *chip* de computador. A maior descoberta foi quando algumas mulheres foram ungir o corpo morto de um homem e encontraram vazia a Sua sepultura. Aleluia! Nosso Senhor está vivo.

O cristão e os problemas sociais

GARY D. GIBBS

*Vice-presidente e coordenador
de evangelismo do programa Amazing
Facts, nos Estados Unidos*



Desde 1960, os Estados Unidos têm experimentado um crescimento de "560% nos crimes violentos e 400% de nascimentos ilegítimos. Apesar dos níveis elevados de assistência e gastos sem precedentes com a saúde pública, testemunhamos uma quadruplicação na taxa de divórcio, um triplice crescimento do número de filhos de pais solteiros, 200% de aumento dos suicídios de adolescentes".¹

Esse assustador e perigoso declínio de valores torna urgente um processo de restauração da moralidade. Nesse sentido, grupos cristãos conservadores devidamente organizados são uma força para estabelecer políticas locais e nacionais.

Para os adventistas do sétimo dia, isso representa uma séria questão. Nós também podemos partilhar das preocupações de nossos amigos cristãos, alarmados com a degeneração moral corrente. Mas também somos o povo da profecia, e caminhamos para o momento em que os Estados Unidos promulgarão uma lei ditando a maneira como devemos cultuar a Deus.

Conseqüentemente, encontramos-nos num dilema. Se resistirmos a uma agenda cristã conservadora, apareceremos como

opponentes. Se apoiarmos o empurrão em favor de medidas legais pela moralidade, aparentemente estaremos negligenciando a verdade da profecia. Qual é a postura apropriada que os adventistas devem tomar a respeito de uma legislação que favoreça a moralidade? Deveríamos nos opor, pelo fato de sentirmos que isso finalmente levará à restrição da liberdade religiosa? Ou deveríamos deixar tudo como está, considerando que a queda de valores e da moralidade atesta a veracidade da profecia bíblica?

Luz do passado

Nos anos 1800, não havia os problemas de pornografia, nascimentos ilegítimos, aborto, abuso infantil, etc., que hoje contaminam o mundo. Mas havia um problema que incendiava os ativistas cristãos: o abuso do alcoolismo. Naquele tempo, o movimento pró-temperança era tão duramente contestado no circuito político, como acontece hoje com alguns grupos reivindicadores. E havia uma conscientização pela formação de uma liga nacional de cristãos guardadores do domingo, que eventualmente incluiria numa pauta uma legislação dominical. Como os líderes adventistas responderam a isso? Como Ellen Whit reagiu a esse movimento político-religioso de temperança?

Embora a Sra. White tenha aconselhado os adventistas a "não se envolverem em questões políticas", isso não significa que eles deveriam estar completamente isolados das reformas políticas e morais. Ela persuadiu os membros da igreja no sentido de votar e influenciar a legislação moral sobre o uso do álcool.²

Em maio de 1865, na III Assembléia Anual da Associação Geral, em Battle Creek, Michigan, os delegados aprovaram uma resolução que apoiava o voto para assuntos morais.³ Aproximadamente 20 anos

depois, a questão sobre o voto adventista a favor da moralidade novamente veio à tona, durante uma reunião campal em Des Moines, Iowa, onde Tiago e Ellen White estavam presentes. Foi proposta uma ação segundo a qual todos os ministros deveriam usar "sua influência entre nossas igrejas e junto ao povo em geral para induzi-los a enviar todo esforço coerente, pelo trabalho individual e na urna eleitoral, em favor da emenda proibitória à Constituição".⁴

Alguns irmãos discordaram da cláusula referente ao voto e pediram que fosse removida. Ellen White, que havia se retirado à noite, foi chamada para dar sua opinião. Posteriormente ela escreveu: "Preparei-me e achei que devia falar sobre o assunto se nosso povo devia votar pela proibição. Disse-lhes: 'Sim', e falei por 20 minutos."⁵

Distinção crucial

Romanos 13:1-4 estabelece que é dever do governo punir os que transgridem a lei. As leis não são amorais. Todas as vezes que a lei de um país condena assassinos, ladrões, ou qualquer outro tipo de criminoso, é porque existe uma legislação moral. Entretanto, isso não significa que o Estado deva legislar como o povo deve cultuar a Deus.

Quando há uma legislação moral, deve ser feita uma crucial distinção entre as duas tábuas dos Dez Mandamentos. Numa tábua, Deus é absoluto. Na outra, o poder civil também deve agir, inclusive os ministros de Deus. É próprio do Estado estabelecer e reforçar leis que tenham a ver com os últimos seis mandamentos, que definem regras de relacionamento interpessoal. Mas os primeiros quatro mandamentos descrevem o relacionamento do homem com Deus, e estão sobre a absoluta jurisdição divina. O papel do governo aqui é simplesmente prover o livre exercício da religião.

O governo civil tem o dever de seguir o

governo de Deus e honrá-Lo. Ellen White compreendeu isso e não temeu ser envolvida em questões sociais de grave significado moral. Ela nem permitiu que os observadores do domingo fossem os catalisadores do movimento de temperança, privando-a de defender a causa.

O movimento de temperança

A cruzada de temperança cresceu de um desejo de deter a espiral descendente da "república alcoólica".⁶ O álcool era um leão solto. Legalmente protegido, ele devastava o corpo e a mente das pessoas. Os cristãos estavam preocupados. Lyman Beecher, um pastor congregacionalista, disparou o ativismo social para tornar proscrito o álcool com uma série de seis sermões sobre intemperança, em 1825 e 1826. Outra série de sermões, pregada e publicada por Calvin Chapin, em Connecticut, posteriormente também influenciou a opinião pública.

Como resultado, 16 proeminentes cidadãos de Boston reuniram-se em fevereiro de 1826 e formaram o que eventualmente tornou-se a União Americana de Temperança. Em nove anos, essa instituição tinha oito mil núcleos espalhados pelos Estados Unidos. Em 1839, 350 mil pessoas decidiram assinar votos de total abstinência.⁷

Ellen e Tiago White não estavam satisfeitos em permanecer à margem do movimento. Estavam ávidos por apoiar essa causa e freqüentemente uniam seus esforços aos dos membros de outras igrejas. "Em seu trabalho", Ellen escreveu, "meu esposo, sempre que tem oportunidade, convida os obreiros da causa da temperança para suas reuniões, e dá-lhes oportunidade de falar. E quando somos convidados para assistir às suas reuniões, sempre atendemos."⁸ Como resultado, Os White tinham a alegria de ter sempre alguns deles unidos consigo, "na observância do verdadeiro sábado".⁹

A Sra. White manteve essa prática durante sua vida. Nove meses antes de falecer, ela escreveu incentivando a Igreja a trabalhar em harmonia com a União de Mulheres Cristãs Pró-Temperança, uma organização interdenominacional interessada prioritariamente em fazer campanhas em favor da proibição alcoólica. Ela encorajou o envolvimento e a interação de alto nível.¹⁰

Entre os recursos utilizados por essas sociedades, estavam os "Exércitos de Água Fria". Crianças, alunas das escolas dominicais, desfilavam pelas ruas oferecendo água fria aos espectadores ao longo do trajeto, distribuindo literatura sobre temperança e persuadindo os viciados a

assinar compromissos de abstinência".¹¹

As sociedades de temperança também usavam os políticos para conseguir seus objetivos, através de lobby pela aprovação de leis federais e estaduais que garantissem a proibição do alcoolismo. Quando os parlamentares não apoiavam sua causa, os promotores da temperança recorriam a seus próprios candidatos. As mulheres demonstravam sua força. Empunhando a Bíblia, elas entravam em tabernas, ajoelhavam-se no chão para orar, e apelavam aos proprietários que fechassem o estabelecimento.

A União de Mulheres empenhou-se "no emprego de todos os meios apropriados para desencorajar o uso e o tráfico de bebida alcoólica". Frances Willard, presidente dessa organização por 19 anos, "lutou pela emenda proibitiva na constituição estadual, apoiou o movimento pelo voto das mulheres, advogou o vegetarianismo, opôs-se ao uso do cigarro, reivindicou a criação de jardins de infância, e nos domingos enviava mulheres às prisões levando buquês com textos bíblicos aos encarcerados".¹³

Na verdade, Ellen White não recomendou que os adventistas participassem de todas as atividades da União de Mulheres, mas apenas "no que pudéssemos ajudar sem nos comprometermos".¹⁴ Tampouco ela sugeriu que os adventistas se unissem indiscriminadamente a todas as sociedades de temperança.

A razão da crise

Em uma das suas mais claras declarações sobre nossa responsabilidade para com Deus e o Estado, Ellen White incentivou os adventistas para irem às eleições e votar em favor da temperança. Na mesma declaração, ela nos dá uma impressionante percepção da causa de nossa crise moral.

"Há uma causa para a paralisia moral na sociedade. Nossas leis sustentam um mal que está enfraquecendo seu próprio fundamento. Muitos deploram os erros que sabem existir, mas consideram-se livres de toda responsabilidade no assunto. Isso não pode ser. ... Os advogados da temperança falham em cumprir completamente seu dever, a menos que exerçam sua influência por preceito e exemplo – pela voz, pena e pelo voto – em favor da proibição e total abstinência."¹⁵

Essa afirmação revela dois princípios importantes. Primeiro, a principal causa de degradação num país são suas leis que favorecem a imoralidade. Segundo, os adventistas têm a responsabilidade, diante de Deus e da sociedade, de mudar essas leis.

Esfregar as mãos e lamentar que as coisas tenham ficado tão ruins não é o bastante.

Fugimos ao nosso dever quando nos sentamos e relacionamos os atrozes crimes de abuso infantil, estupro, aborto e pornografia, entre outros, como sinais do fim e negligenciamos usar nossa influência como cidadãos para corrigir as leis que sustentam esses males. Embora devamos proteger o muro de separação entre Igreja e Estado, não devemos abrir a porta ao mal que devastará nossos lares e nossos filhos. Esse é o equilíbrio que devemos lutar para manter.

Os cristãos na política

Alguns crentes lamentam o envolvimento cristão no processo político. Mas se os cristãos não lutarem pelas crenças e pelos valores morais, quem o fará? Quem deterá a maré de imoralidade que busca corroer a sociedade? Se nos retiramos do fórum público, que tipo de sociedade herdaremos, depois que pessoas com interesses puramente secularistas exercerem seu direito de votar e influenciar a opinião pública?

Quando os cristãos silenciam, os humanistas seculares controlam o Estado. Sem nenhum temor de Deus, eles não temem a degradação e a autodestruição. E assim são elaboradas leis frouxas, materialistas, que favorecem a corrupção. Numa tal sociedade, seguramente, os cristãos não serão capacitados para viver livremente a sua fé. Seus filhos serão constantemente bombardeados com filosofias incrédulas e inócuas.

Ellen White não permaneceu como uma observadora silenciosa, quando depարou-se com assuntos que afetavam a sociedade. Quem ficaria surpreso hoje se ela pudesse falar aos adventistas sobre questões como aborto, pornografia, eutanásia, etc.? Decerto ela não condenaria aqueles que defendem a existência de leis que reforcem a virtude do senso comum.

Temperança e leis dominicais

Em 1887, a União de Mulheres Cristãs Pró-Temperança uniu-se com a Associação Nacional de Reforma, um grupo defensor de uma lei dominical nacional. Os dois grupos esperavam melhorar a moralidade americana fechando os bares pelo menos no domingo.¹⁶ Mas os governos aprovaram leis dominicais e usaram-nas em perseguição de adventistas e judeus. Tudo isso transpirou o que para os adventistas era uma atmosfera muito carregada de significado profético.

Na Assembléia da Associação Geral de 1888, a Igreja experimentou um significativo derramamento do Espírito Santo. Isso,

ao lado do movimento das duas organizações anteriormente mencionadas para aprovar a lei dominical, assinalou aos adventistas que o mundo estava às vésperas do fim. Conseqüentemente, eles não quiseram ter algum compromisso com instituições que estavam envolvidas numa legislação dominical.

A. T. Jones, editor de *Sentinel*, foi o principal defensor adventista da liberdade religiosa durante essa época. Jones, preocupado com o desenvolvimento da lei dominical, tornou-se duro contra qualquer um ou qualquer organização relacionada com ela. Num dos seus artigos, ele salientou o relacionamento entre a União de Mulheres e a Associação de Reforma, criticando duramente algumas declarações dos seus líderes em favor da legislação dominical.

A reação de Ellen White a Jones foi tanto interessante como instrutiva. "Você está construindo sobre barricadas", ela escreveu, "que não deveriam aparecer. Depois de ler seus artigos, aqueles que não conhecem a nossa fé se sentiriam tentados a unir-se a nós? ... A obra que Cristo veio realizar no mundo não é erguer barreiras e constantemente insistir com o povo que ele está errado... Se mais cuidadosos, devotados e determinados esforços forem feitos por associações tais como a União Cristã de Mulheres Pró-Temperança, a luz brilhará para almas que são tão sinceras como Cornélio. ... As idéias expressas em seus artigos têm um sabor tão forte de antagonismo que podem causar maior prejuízo do que você imagina."¹⁷

Poucas semanas depois, ela voltou a escrever para Jones, indicando que independente do envolvimento da União de Mulheres com a legislação dominical, os adventistas ainda deveriam trabalhar com e por elas, de uma forma habilmente cristã. "Alguns de nossos melhores talentos deveriam ser colocados a trabalhar para a União de Mulheres, não como antagonistas, mas como quem aprecia plenamente o bem que tem sido feito por essa instituição. Deveríamos buscar conquistar a sua confiança, harmonizando-nos com elas o quanto for possível. Meu irmão, não apresente a verdade de tal forma que as participantes da União de Mulheres se afastem em desespero. Existem verdades vitais sobre as quais elas não têm luz. Elas devem ser tratadas com cuidado, em amor, e com respeito por sua boa obra. Você não devia agir da forma como o faz. Se continuar fazendo isso, fechará portas pelas quais muitos seriam alcançados. Retenha sua condenação até que você e nosso povo te-

nhamos feito tudo o que puder ser feito para alcançá-las, não por argumentos de ministros, mas através do influente trabalho como a irmã Henry tem feito."¹⁸

A irmã Henry

De acordo com Ellen White, a Sra. Henry era um modelo de como os adventistas devem trabalhar por outros cristãos, que têm como agenda a reforma moral e leis dominicais.

Antes de unir-se à Igreja Adventista, a Sra. S. M. I. Henry era uma evangelista nacional da União de Mulheres Cristãs Pró-Temperança. Em 1896, ela esteve no Sanatório de Battle Creek como paciente. O médico lhe disse que nunca mais poderia caminhar e seria confinada a uma cadeira de rodas pelo resto da vida. No sanatório, ela aprendeu como se tornar membro da Igreja Adventista. Depois de fazer um concerto com Deus e assistir ao serviço de oração pelos doentes, a Sra. Henry foi curada. Ellen White, que na ocasião se encontrava na Austrália, foi informada da sua conversão e começou a desenvolver uma amizade com ela por correspondência.

Em dezembro de 1898, a Sra. White escreveu à sra. Henry: "Agradeço ao Senhor de todo o coração, alma e voz, que você tenha sido um proeminente e influente membro da União de Mulheres Cristãs Pró-Temperança. ... Por 20 anos, vi que a luz deveria vir às mulheres na linha da temperança. O Senhor não ordena que você se separe da União de Mulheres. Elas necessitam de toda a luz que você pode dar-lhes. Cintile toda a luz possível em seu caminho. Você pode concordar com elas no plano dos princípios elevados e puros que trouxeram à existência esta sociedade."¹⁹

Quando a carta chegou, a Sra. Henry já tinha renunciado ao seu trabalho no escritório da União de Mulheres; mas com a carta da irmã White, ela reconsiderou sua posição. Embora a Sra. Henry conscientemente deixasse a União de Mulheres por causa de sua obra em favor da legislação dominical nacional, a maior visão de Ellen White encorajou-a a permanecer na organização. Agradecida, a Sra. Henry seguiu o conselho. "Foi principalmente devido à sua influência e aos seus apelos, que o trabalho em favor da lei dominical foi completamente abandonado por aquela organização."²⁰

Vamos ser claros: Deus chama as pessoas para a igreja Adventista do Sétimo Dia. Mas esse chamado não as exclui de trabalhar junto com outros cristãos que têm as mesmas preocupações quanto à reforma

moral, na medida em que o possamos fazer "sem comprometer qualquer princípio da verdade", no dizer de Ellen White. Infelizmente, esse é o crucial equilíbrio que muitos encontram dificuldade para manter. Assim mesmo, devemos tentar.

Cumprindo o dever

A história de nossa participação no movimento de temperança ilumina nossa presente situação. É claro, do exemplo de Ellen White, que, embora nossa tarefa seja partilhar o evangelho eterno, não é nosso dever estar separados do envolvimento social e, às vezes, político.

Enquanto exercemos nossa influência, por preceito e exemplo, pela voz, pena e voto, em favor de causas morais e justas, também devemos buscar educar o povo a respeito da separação encontrada entre os primeiros quatro mandamentos da Lei de Deus e os últimos seis. Tornando clara a distinção entre onde os deveres civis começam e terminam, podemos educar o povo a obedecer o quarto mandamento da Lei de Deus e lutar contra leis religiosas opressivas.

Nosso trabalho como Igreja não é reformar o sistema político. Isso não resolverá o problema do pecado. Apenas a conversão pessoal e a volta de Cristo pode solucionar isso. Entretanto, embora vivendo para apressar o estabelecimento do reino vindouro, devemos também cumprir nosso dever de ser cidadãos responsáveis e participar na manutenção de uma sociedade estável.

Em assim fazendo, estamos agindo em total harmonia com nossa fé.

Referências

- 1 Jim Nelson Black, *When Nations Die, America on the Brink: Ten Warning Signs of a Culture in Crisis*. Wheaton, Ill: Tyndale House Publishers, 1994, pág. 6.
- 2 Ellen G. White, *Review and Herald*, 15/10/1914
- 3 *Review and Herald*, 23/05/1865.
- 4 Ellen G. White, *Temperança*, pág. 255.
- 5 *Ibid.*
- 6 Jerome Clark, "The crusade against alcohol", in Gary Land, ed., *The World of Ellen G. White*, Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1987, pág. 131.
- 7 *Ibid.*, pág. 132.
- 8 Ellen G. White, *Manuscript Releases*, Silver Spring, MD: E. G. White Estate, 1981, 1:123.
- 9 _____, *Review and Herald*, 18/06/1908.
- 10 Ver "A obra de temperança"
- 11 Jerome Clark, *Op. Cit.*, pág. 132.
- 12 *Ibid.*, pág. 138.
- 13 "A obra de temperança"
- 14 *Idem*
- 15 George Knight, *Angry Saints*, Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1989, pág. 17.
- 16 Ellen G. White, *Carta 17*, 1900.
- 17 _____, *Manuscrito*, 7:167-169.
- 18 *Ibid.*, 1:125 e 126.
- 19 *Ibid.*, 126
- 20 *Ibid.*, 129

A marcha dos sinais

WILLIAM H. SHEA

Ph.D., jubilado, ex-diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD



Divulgação

São numerosos os textos bíblicos do Velho Testamento que afirmam serem os juízos de Deus acompanhados, na maioria das vezes, por sinais cósmicos. Um deles é o de Joel 2:30 e 31: "Mostrarei prodígios no céu e na Terra; sangue, fogo, e colunas de fumaça. O Sol se converterá em trevas, e a Lua em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor."

A referência do profeta Joel à vinda do "grande e terrível Dia do Senhor" não está relacionada, primeiramente à segunda vinda de Cristo, mas a um dos muitos "Dias do Senhor", que significaram, na verdade, dias de juízo. Amós fala aos reis do norte que, embora eles pensassem que o Dia do Senhor era um dia de juízo para seus inimigos, esse julgamento viria sobre eles mesmos: "Ai de vós que desejais o Dia do Senhor! Para que desejais vós o Dia do Senhor? É dia de trevas e não de luz. Como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se, entrando em casa, encostando a mão à parede, fosse mordido duma cobra. Não

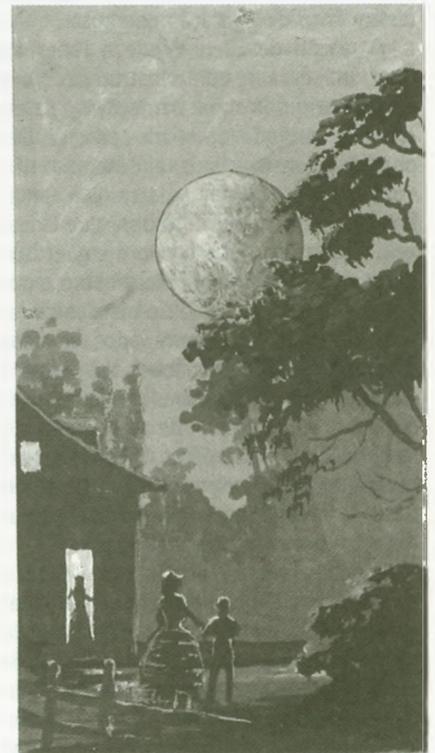


A. Rios

será, pois, o Dia do Senhor trevas e não luz? Não será completa escuridão, sem nenhuma claridade?" (Amós 5:18-20).

O dia de juízo, de acordo com Joel, era, na verdade, um evento local, evidenciado pelo fato de que as pessoas que seriam encontradas a salvo dele eram residentes de Sião e Jerusalém (Joel 2:32). O julgamento das nações no vale de Josafá (Joel 3:1-3) refere-se a um evento ocorrido em um cenário local, chegando a um tempo relativamente próximo à época na qual a profecia foi comunicada.

Um exemplo de sinal cósmico acompanhado por juízo pode ser visto nas pragas que caíram sobre o Egito (Êxodo 10). Outro caso similar aparece no longo dia de



Josué, no qual os israelitas foram habilitados a retribuir o julgamento sobre os cananeus (Jos. 10:12-14).

Nos dias de Débora e Baraque, os elementos da Natureza lutaram contra os cananeus. Naquela ocasião, a chuva enlameou de tal forma o vale de Jezreel, que as carruagens dos cananeus ficaram totalmente inutilizadas. Um interessante julgamento, de caráter positivo, ocorreu com o rei Ezequias, quando o retrocesso da sombra lançada pelo Sol, em dez graus, assinalou que ele deveria viver um período adicional de quinze anos (II Reis 20:8-11).

No Novo Testamento

Durante o período do Novo Testamen-

to, aparecem os mesmos traços. Escrevendo a respeito da queda de Jerusalém, Ellen White disse: "Apareceram sinais e prodígios, prenunciando desastre e condenação. Ao meio da noite, uma luz sobrenatural resplandeceu sobre o templo e o altar." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 29.

Jesus, em Seu sermão no Monte das Oliveiras, pregou sobre os sinais no céu. E colocou os sinais astronômicos "imediatamente depois da tribulação daqueles dias". Em seguida, referiu-Se ao escurecimento do Sol e da Lua e à queda das estrelas (Mat. 24:29). A questão contextual é: a qual tribulação e a quais dias Ele Se referia?



Existem duas precedentes tribulações mencionadas no Monte das Oliveiras. Uma tribulação preliminar, ou perseguição (vs. 9 e 10), e, posteriormente, depois do aparecimento do "abominável da desolação" (v. 15), a "grande tribulação" (v. 21). A mesma palavra grega é usada para as duas tribulações, ou seja, *thilipis*. Historicamente, isso se enquadra muito bem com a perseguição preliminar empreendida pelo

Império Romano e com a grande tribulação ocorrida durante a Idade Média.

O Apocalipse

A situação envolvendo sinais cósmicos no livro de Apocalipse é mais complexa. Em primeiro lugar, há uma série de sinais cósmicos na qual a lista torna-se mais e mais longa depois de cada sucessivo julgamento, conforme exemplificado em Apoc. 4:5; 8:5; 11:19; e 16:17-20. Nenhuma dessas passagens assinala o mesmo evento. O primeiro caso acontece no tempo da ascensão de Cristo. O segundo ocorre no início das sete trombetas. O terceiro, no princípio do juízo pré-advento, em 1844, e o quarto depois do

término do tempo de angústia, justamente antes da destruição da Terra e da segunda vinda de Cristo.

Outros sinais cósmicos surgem junto com o juízo e as pragas. Na quarta praga, o Sol queima os homens, notando-se aí o reverso do seu escurecimento (16:8). Na quinta praga, o trono da besta é envolvido por trevas, justamente o contrário do que acontece na praga anterior. Dessa forma, pelo menos seis casos de juízo no livro de Apocalipse são acompanhados por elementos cósmicos, ou trabalham com eles.

A seqüência sob o sexto selo, portanto, não será idêntica a qualquer um, nem todo o conjunto de sinais cósmicos no livro. O terremoto, o escurecimento do Sol, a queda das estrelas, tudo isso tem seu próprio ponto de referência. Esse ponto vem primeiramente no quinto selo, onde os mártires da perseguição perguntam: "Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a Terra?" (Apoc. 6:10). Os sinais revelados no próximo selo ocorrem, em parte, para responder a essa questão. Eles assinalam o julgamento do poder causador da perseguição. E também assinalam o juízo iniciado em 1844, quando a causa dos fiéis seria reivindicada pelo "Ancião de dias" (Dan. 7:22).

Uma feição despercebida do sexto selo é a que menciona dois terremotos, um no início da série e outro no fim. Esse é descrito em termos diferentes: "E o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos dos seus lugares." (Apoc. 6:14). Isso é um verdadeiro cataclismo. Esse mesmo terremoto é identificado em Apocalipse 16:18 e 20, com o emprego de quase os mesmos termos. Ele ocorrerá no fim das pragas e será o maior que o mundo terá testemunhado, como diz o próprio texto.

A mesma coisa não pode ser dita a respeito do terremoto no início da seqüência do sexto selo. Esse é descrito apenas como um grande terremoto, mas não o maior.

Três aspectos

O problema aparece quando se faz a identificação daquele primeiro terremoto como o terremoto de Lisboa, ocorrido em 1755. Por que não alguns outros maiores terremotos posteriores? Por que não se levar em conta algumas outras maiores chuvas de meteoros, ocorridas depois de 1833? A resposta a essa pergunta é tripli-

ce: é preciso levar em conta os aspectos de geografia, seqüência e sincronismo.

Os maiores terremotos na China, desencadeados depois de 1755, não envolvem as nações da Europa ocidental, sobre as quais a ação do livro de Apocalipse está centralizada. O foco bíblico é sobre o Oriente Próximo e a Europa. A Índia não está incluída entre as nações de Daniel 2. Os terremotos da China não aparecem na jurisdição geográfica da área de ação coberta pelo Apocalipse.

A questão da seqüência envolve as séries de eventos preditos no sexto selo. Nenhum dos terremotos na China foi seguido por um dia escuro ou uma chuva de meteoros. A seqüência é específica: terremoto, escurecimento do Sol, queda de estrelas, não escurecimento do Sol, terremoto, queda de estrelas, ou queda de estrelas, escurecimento do Sol, terremoto.

O aspecto de sincronismo, o terceiro fator que torna única essa seqüência de sinais cósmicos, tem a ver com o lugar no qual eles ocorrem no esquema profético da História. Tal seqüência pode ser alinhada da seguinte maneira:

- Um grande terremoto, em 1755.
- O dia escuro, em 1780.
- O juízo sobre a besta, em 1798.
- A queda das estrelas, em 1833.
- Início do juízo pré-advento, no Céu, em 1844.

Geografia, seqüência e sincronismo tornam peculiar essa cadeia de acontecimentos, insuperável por quaisquer outros terremotos ou chuva de meteoros ocorridos em outros tempos. Outras profecias apocalípticas preenchem todo o espectro de eventos entre esses sinais e a segunda vinda de Jesus.

Sinais cósmicos serão aplicados à segunda vinda de Cristo, mas, com exceção do último terremoto, eles não são os sinais cósmicos descritos no sexto selo. Em lugar disso, são descritos por Ellen White, no livro *O Grande Conflito*, págs. 636 e 637. Ali ela se refere ao terremoto que ocorre por ocasião da sétima praga. Também fala do desaparecimento de ilhas e montanhas. Dá um sinal cósmico conectado com o Sol, mas trata-se desse astro brilhando à meia-noite.

Esses não são os sinais cósmicos do sexto selo os quais ela descreve no capítulo 17 do mencionado livro. Uma seqüência profético-histórica de eventos tem lugar entre esse tempo no passado e o futuro grande evento. Nós vimos o precedente histórico, e esperamos pelos futuros sinais cósmicos.

O homem, a visão e o ministério

Sermão proferido no dia 11 de abril de 1998, na cidade de Tremembé, SP, em cerimônia comemorativa do 80º aniversário do Pastor Pedro Apolinário, professor do Salt-IAE, há 55 anos servindo à Causa de Deus

JOSE CARLOS RAMOS

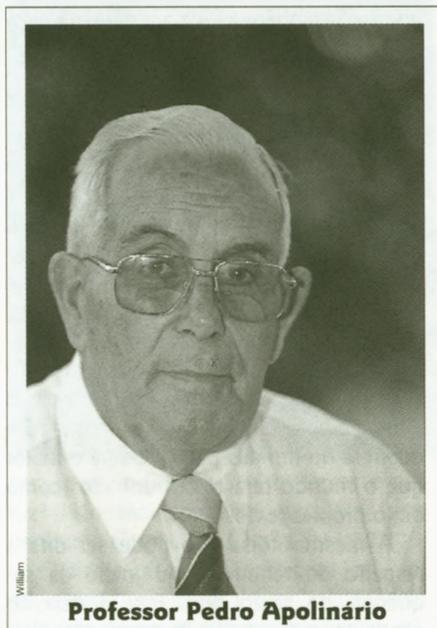
D.Min., diretor do Programa Doutoral e professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP



Professor Pedro Apolinário:

Comemoramos hoje seus 80 anos de vida. Parabéns, e que Deus o abençoe ricamente. O número 80 não é freqüente na Bíblia. Existem umas onze referências que não chamam muito a atenção, exceto o Salmo 90, que justamente nos fala da idade dos 80 anos.

Em todo o texto sagrado, apenas duas pessoas são mencionadas com essa idade. Uma delas é Barzilai, que saiu ao encontro do rei Davi quando este retornava ao trono, após a rebelião de Absalão (II Sam. 19:32). Mas o ancião se referiu qua-



Professor Pedro Apolinário

se que apenas às dificuldades da idade avançada, de forma que não devemos nos demorar nele.

O outro, porém, é uma evidência de que Deus pode se valer de um ancião, e, quando o faz, milagres poderosos acontecem. Basta lembrar que o maior evento do Velho Testamento, o Êxodo, tão grandioso que se tornou um tipo do Calvário, ocorreu com a participação decisiva de um ancião de 80 anos (Êxo. 7:7). Refiro-

me a Moisés, o maior legislador que o mundo conheceu.

Moisés escreveu os cinco primeiros livros da Bíblia e nos legou um dos salmos mais significativos, o Salmo 90. No verso dez ele afirma que a idade dos 80 é alcançada em resultado do vigor; de maneira, professor Pedro, que o senhor pertence à classe dos privilegiados, dos que têm saúde e energia. Mais que isso, Moisés é um exemplo de que o significado de uma vida pode estar apenas começando aos 80 anos.

Formoso e famoso

A Bíblia nos diz que Moisés era formoso e famoso (Êxo. 2:2; 11:3). Bem, professor, quanto ao irmão ser formoso, acredito que a Sra. Vanda Apolinário sempre concordou que assim o é, o que explica ser ela a sua esposa. Quanto a ser famoso, não resta dúvida que, pelo ministério de ensino que o irmão cumpriu até agora, principalmente na área teológica, pelos livros que escreveu, não são poucos os que o conhecem e o admiram.

Conhecemos bem a história do nascimento de Moisés e de como a sua mãe o escondeu por três meses. Mas alguém formoso e que está destinado a se tornar famoso não pode ficar no anonimato por muito tempo. Adotado pela princesa egípcia Hatshepsut, filha do faraó Tuthmosis I,

Moisés foi devolvido à própria mãe para que lho criasse. Mas em vez de criá-lo para a princesa egípcia, a mãe o criou para Deus e para o cumprimento de sua importante missão.

Oportunidade para ser um grande faraó não faltou a Moisés. Educado no mais famoso centro de cultura da época, ele, segundo Filo, se tornou proficiente em aritmética, geometria, poesia, música, filosofia e astronomia. Segundo Eupôlemus, foi ele o inventor dos alfabetos fenício e grego. Josefo afirma que, notavelmente sábio e possuindo invejável compleição física, Moisés se destacou em seu preparo militar, tornando-se o comandante-chefe do exército egípcio, e conduzindo vitoriosamente uma expedição militar contra os etíopes.

Mas seu interesse estava voltado para Israel como seu próprio povo. Ele não podia estar feliz enquanto o via escravizado. Por maior que fosse a glória mundana a seus pés e ao seu dispor, seu grande ideal de servir a Deus jamais foi eclipsado. Assim, o ser Moisés formoso e famoso não é para ser entendido meramente em termos de aparência física e proeminência social, mas em termos de pujança espiritual; não apenas o fruto de façanhas mundanas, ainda que sensacionais, mas o resultado incontestável da disposição humana unida ao braço da Onipotência, para a realização de Sua obra.

Fantástica a visão transcendente que impeliu Moisés para o cumprimento de sua tarefa. Aos 40 anos, uma simples intuição, porém suficiente para "contemplar o galardão" e recusar "ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus, a usufruir prazeres transitórios do pecado" (Heb. 11:24 e 26).

Mas só uma intuição era pouco para Moisés. O que ele precisava mesmo era de uma visão. Assim, ele teve que deixar o Egito, e fugir para o deserto onde, por mais 40 anos, foi ensinado por Deus.

A missão e o descanso

É então que, aos 80 anos, Moisés teve a visão necessária para iniciar a grande missão de sua vida, a visão da graça; Deus se manifestando numa simples sarça para lhe revelar Seu grande propósito: "Vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento, por isso descí a fim de livrá-lo... e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla..." (Êxo. 3:7 e 8). Ora, o que Deus fez por Israel naquela ocasião é essencialmente o que fez por nós aqui, para nos resgatar do pecado.

Moisés voltou ao Egito, e, depois de todas as maravilhas ali operadas, retirou o povo conduzindo-o à terra prometida. Assim, o mesmo Moisés que escreveu em seu salmo que aos 80 anos aguardam pelo homem apenas cansa e enfado, iniciou exatamente aí um ministério que, pelo poder de Deus, se estenderia por mais 40 anos marcados com sinais e prodígios.

Oitenta anos! Que idade singular para permitir que Deus demonstre que o seu poder se aperfeiçoa na fraqueza (II Cor. 12:9)! Por isso Paulo disse: "quando sou fraco, então é que sou forte" (V. 10).

Bem, quando os 40 anos de ministério se passaram e chegara o momento do grande libertador descansar, Deus lhe deu uma derradeira e culminante visão. Como é possível um ancião de 120 anos subir sozinho a montanha de Nebo? Só há uma explicação: o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza. Que energia possuía Moisés! Jamais as pernas cambalearam, os pés não vacilaram, nem as vistas escureceram. Muito ao contrário.

Moisés realizou uma grandiosa obra para Deus em virtude da visão que marcou o seu ministério

Do cume do Pisga, Deus lhe mostrou toda a terra prometida (Deut. 34:1-3), e mais que isso, os eventos subseqüentes: o Calvário, o desfecho do grande conflito, a volta de Jesus e, finalmente, a Terra renovada, restaurada, sem mais a presença do pecado, o lar eterno que o Senhor está preparando para os que O amam (ver *Patriarcas e profetas*, págs. 499-503). Se aos 80 anos, Moisés teve a visão da graça, a visão da libertação, e com ela iniciou o seu ministério; aos 120 anos, ele teve a visão da posse de Canaã, a visão da salvação, a visão da consumação final, a visão do reino eterno, a visão da glória, e com ela encerrou o seu ministério.

Deuteronômio 34:10 afirma que "nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés". Evidentemente, quando essas palavras foram escritas, Jesus ainda não havia nascido, pois Ele é o profeta semelhante a Moisés que deveria vir. Mas a singularidade de Moisés como profeta deveu-se não tanto à obra

que realizou, mas à visão que teve. Ou quem sabe, deveríamos afirmar que ele realizou uma grandiosa obra para Deus em virtude da visão que marcou o seu ministério. O texto nos fala de Moisés como alguém com quem Deus tratou face a face. Moisés e seu ministério se nutriram, até o fim, da visão de Deus e de Seus propósitos.

Obediência à visão

Professor Pedro, o senhor chegou aos 80 anos de uma vida profícua e consagrada a Deus. Não sei como foi o começo do seu ministério. Mas estou seguro de que o senhor escolheu o rumo que seguiu, motivado, desde o início, em 1944, por uma intuição do chamado de Deus, intuição que logo se transformou numa visão da graça, do quanto Jesus significa para o irmão, e de que sua melhor resposta ao Seu amor seria uma vida devotada ao bem de Sua obra.

E já que as visões não se destinam apenas à contemplação, sei que a visão da graça o acompanhou, impelindo-o por todos esses 55 longos anos de dedicado labor à Igreja. De que todas as vezes que o irmão escalou o Pisga da meditação e do estudo, da oração e da comunhão com Deus, o senhor contemplou Seus planos e propósitos, que o levaram à ação. De maneira que o senhor pode hoje dizer como Paulo: "Não fui desobediente à visão celestial" (Atos 26:19).

Mais uma vez, que o Senhor o abençoe e o faça ainda frutífero em seu trabalho, pois sei que, embora jubilado, o irmão continua em franca atividade. Que exemplo e inspiração para todos nós! Por mim, e por tantos obreiros que, iguais a mim, muito lhe devem pela formação ministerial que obtiveram, muito obrigado e que Deus o recompense.

Tenho apenas um pedido a lhe fazer: continue contemplando as visões de Deus. Chegamos ao final do século 20, indubitavelmente ao tempo da chuva serôdia e do fim de todas as coisas. As palavras de Joel 2:28 se voltam para nós com significado e força totais: "E acontecerá depois que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão e vossos jovens terão visões."

Mais do que nunca, que Deus o sustente com muita saúde, e com a visão do que e de Quem está para chegar. E que no glorioso dia do eterno alvorecer, Deus o coroe com o galardão dos lutadores e vitoriosos em Cristo Jesus.

Os 1290 e 1335 dias de Daniel

ALBERTO R. TIMM

Ph.D., diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White e professor de Teologia no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP



Divulgação

A interpretação dos "1290 dias" e dos "1335 dias" de Daniel 12:11 e 12 respectivamente como 1290 anos e 1335 anos é antiga, podendo ser encontrada já entre os expositores judeus do século 8 d.C. Essa interpretação, baseada no princípio diário (Núm. 14:34; Ezeq. 4:6 e 7), continuou sendo advogada pelos seguidores de Joaquim de Fiore (1130-1202), bem como por vários outros expositores, durante a pré-Reforma, a Reforma e a tradição protestante subsequente.¹

Guilherme Miller (1782-1849), por sua vez, acreditava, em primeiro lugar, que tanto os 1290 anos como os 1335 anos

havam iniciado em 508, quando Clóvis obteve a vitória sobre os visigodos arianos, passo esse decisivo na união dos poderes político e eclesiástico para a punição dos considerados hereges pelo catolicismo medieval. Em segundo lugar, Miller cria que os 1290 anos haviam se cumprido em 1798, com o aprisionamento do Papa Pio VI pelos exércitos franceses; e, finalmente, que os 1335 anos se estenderiam por mais 45 anos até o término dos 2300 anos de Daniel 8:14, entre 1843 e 1844.² Essa interpretação foi mantida pelos primeiros adventistas observadores do sábado,³ transformando-se na posição histórica da Igreja Adventista do Sétimo Dia até hoje.⁴

Porém, em anos recentes, alguns pregadores independentes começaram a propagar o que consideram nova luz sobre os 1290 e 1335 dias de Daniel 12. Rompendo com a tradicional compreensão adventista, tais indivíduos alegam que ambos os períodos são compostos por dias literais, e não dias que representam anos, a se cumprirem ainda no futuro. Alguns deles sugerem que ambos os períodos iniciarão com o futuro decreto dominical; que os 1290 dias literais são o período reservado para o povo de Deus sair das cidades; e que ao término dos 1335 dias literais a voz de Deus será ouvida anunciando "o dia e a hora" da volta de Cristo.⁵

Por mais interessante que essa teoria possa parecer, existem pelo menos cinco razões básicas que nos impedem de aceitá-la.

1. A teoria se baseia numa leitura parcial e tendenciosa dos escritos de Ellen White

Um dos argumentos para justificar o cumprimento futuro dos 1290 e 1335 dias é a falsa alegação de que Ellen White considerava como errônea a noção de que os 1335 dias já haviam se cumprido no passado. Alusões são feitas à carta que ela enviou "à igreja na casa do irmão Hastings", datada de 7 de novembro de 1850, na qual são mencionados alguns problemas relacionados com o irmão O. Hewit, de Dead River. No texto original em inglês dessa carta aparece a seguinte declaração: "We told him of some of this errors in the past, that the 1335 days were ended and numerous errors of his."⁶

Essa declaração deveria ser traduzida simplesmente como: "Nós lhe mencionamos alguns dos seus erros do passado, que os 1335 dias haviam se cumprido e muitos dos seus erros." No entanto, alguns defensores da nova teoria profética preferem substituir a conjunção "que" (inglês *that*) pela expressão "tais como" (inglês *such as*), alterando dessa forma o

sentido do texto. Assim, eles conseguem fazer com que a sentença diga que entre os erros advogados por Hewit estava também a idéia de "que os 1335 dias haviam se cumprido".

Se a intenção de Ellen White era realmente corrigir o irmão Hewit por crer que os 1335 dias já haviam se cumprido, permaneceriam as indagações: Por que Ellen White se limitou a corrigir, em 1850, de forma parcial e tendenciosa, apenas a posição desse irmão, sem qualquer repressão aos demais líderes do movimento adventista que também criam que esse período profético já havia se cumprido em 1844? Por que ela não reprovou o seu próprio esposo, Tiago White, por afirmar na *Review and Herald*, ainda em 1857, que "os 1335 dias terminaram com os 2300, com o Clamor da Meia-Noite em 1844"? Por que ela não o repreendeu por continuar publicando na mesma *Review* vários artigos de outros autores, advogando a mesma idéia?⁸ E mais, como poderia Ellen White haver declarado, em 1891, que "nunca mais haverá para o povo de Deus uma mensagem baseada em tempo. Não devemos saber o tempo definido nem para o derramamento do Espírito Santo nem para a vinda de Cristo"?⁹

Evidências de que Ellen White cria que esses períodos já haviam se cumprido em seus dias podem ser encontradas também em suas declarações segundo as quais Daniel já estava sendo vindicado em sua sorte (ver Dan. 12:13) desde o início do tempo do fim.¹⁰ cremos, portanto, que o Dr. Gerard P. Damsteegt, professor do Seminário Teológico da Universidade Andrews, estava correto ao declarar que "já em 1850 E. G. White havia escrito que 'os 1335 dias haviam se cumprido', sem especificar o tempo do seu término".¹¹

2. A teoria quebra o paralelismo profético-literário do livro de Daniel

Para justificar o suposto cumprimento futuro dos 1290 e 1335 dias, os advogados da "nova luz" profética alegam, sem qualquer constrangimento, que o conteúdo da Daniel 12:5-13, onde são mencionados esses períodos, não é parte da cadeia profética do livro de Daniel. Porém, uma análise mais detida da estrutura literária do livro não confirma essa teoria.

O Dr. William H. Shea esclarece que, no livro de Daniel, cada período profético (1260, 1290, 1335 e 2300 dias) aparece como um apêndice calibrador ao corpo básico da respectiva profecia que lhe cor-

responde. Por exemplo, a visão do capítulo sete é descrita nos versos 1-14, mas o tempo a ela relacionado só aparece no verso 25. No capítulo 8, o corpo da visão é relatado nos versos 1-12, mas o tempo só ocorre no verso 14. De modo semelhante, os tempos proféticos relacionados com a visão do capítulo 11 só são mencionados no capítulo 12.¹²

Esse paralelismo comprova que os 1290 dias e os 1335 dias de Daniel 12:11 e 12 compartilham da mesma natureza profético-apocalíptica dos termos "tempo, tempos e metade de um tempo", de Daniel 7:25, e as 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14. Assim, se aplicarmos o princípio dia-ano aos períodos proféticos de Daniel 7 e 8, também devemos aplicá-lo aos períodos de Daniel 12, pois todos esses períodos estão interligados, de alguma forma, e a descrição de cada visão indica apenas um único cumprimento para o período profético que lhe corresponde.

A tentativa de interpretar os períodos proféticos de Daniel como dias literais, não tem o apoio bíblico

Além disso, a alusão em Daniel 12:11 ao "sacrifício diário" e à "abominação desoladora" conecta os 1290 e os 1335 dias não apenas com o conteúdo da visão de Daniel 11 (Dan. 11:31), mas também com as 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 (ver Dan. 8:13; 9:27). O mesmo poder apóstata que haveria de estabelecer a "abominação desoladora" em lugar do "sacrifício diário" é descrito em Daniel 7 e 8 como o "chifre pequeno", e em Daniel 11 como o "rei do Norte."

Portanto, a tentativa de interpretar alguns períodos proféticos de Daniel (70 semanas, 2300 tardes e manhãs) como dias que simbolizam anos, e outros (1290 dias, 1335 dias) como meros dias literais, é totalmente incoerente com o paralelismo profético-literário do livro de Daniel.

3. A teoria apóia-se em uma interpretação não bíblica do termo hebraico *tamid*

A teoria de que tanto os 1290 dias quanto os 1335 dias iniciam com o futuro decreto dominical é baseada na suposição de que, em Daniel 12:11, as expressões "sacrifício diário" e "abominação desoladora" significam respectivamente o sábado e o domingo. Mas também essa suposição carece de fundamento escriturístico.

A expressão "sacrifício diário" é a tradução do termo hebraico *tamid*, que significa "diário" ou "contínuo", ao qual foi acrescentada a palavra "sacrifício", não encontrada no texto original de Daniel 8:13 e 12:11. A palavra *tamid* é usada nas Escrituras em relação não apenas com o sacrifício diário do santuário terrestre (ver Êxo. 29:38 e 42), mas também com vários outros aspectos da ministração contínua daquele santuário (Êx. 25:30; 27:20; 28:29 e 38:30; 1 Crôn. 16:6). No livro de Daniel, o termo se refere, obviamente, ao contínuo ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial (Dan. 8:9-14). Já a expressão "transgressão assoladora" ou "abominação desoladora" subentende o amplo sistema de contrafação a esse ministério, construído sobre as teorias anti-bíblicas da imortalidade natural da alma, da mediação dos santos, do confessionário, do sacrifício da missa, etc.

Não podemos concordar com a teoria de que em Daniel 12 o "diário" representa simplesmente o sábado, e a "abominação desoladora", o domingo. Para cremos dessa maneira, teríamos que esvaziar essas expressões do amplo significado que lhes é atribuído tanto pelo próprio contexto bíblico no qual aparecem, como também pelo consenso geral das Escrituras.

4. A teoria reflete a interpretação jesuíta futurista da Contra-Reforma católica

Os defensores da interpretação literal-futurista dos 1290 e 1335 dias alegam que sua posição é genuinamente adventista e plenamente sancionada pelos escritos de Ellen G. White. No entanto, se analisarmos mais detidamente o assunto à luz da História, perceberemos que essa teoria rejeita o historicismo e o princípio dia-ano da tradição protestante, para se alinhar abertamente com o futurismo literalista da Contra-Reforma católica.

Os reformadores protestantes do século 16 identificavam o "chifre pequeno"

com o papado, do qual se originaria a "abominação desoladora" de que fala Daniel.¹³ Foi para inocentar o papado dessas acusações que o cardeal italiano Roberto Bellarmino (1542-1621), o mais capaz e renomado de todos os polemistas jesuítas, sugeriu que o "chifre pequeno" era um mero rei e que os 1260, 1290 e 1335 dias eram apenas dias literais a se cumprirem somente no período que antecederia o fim do mundo.¹⁴ Dessa forma, o papado contemporâneo não poderia mais ser identificado como o "chifre pequeno" ou "rei do Norte" e, conseqüentemente, não mais poderia ser responsabilizado pela "transgressão assoladora" ou "abominação desoladora".

Muitos dos defensores contemporâneos da interpretação futurista dos 1290 e 1335 dias desconhecem o comprometimento dessa teoria com o futurismo da Contra-Reforma católica. Mas, mesmo assim, tais indivíduos deveriam pelo menos reconhecer que "essas propostas futuristas repousam, essencialmente, sobre uma compreensão errônea dos padrões de pensamento da poesia hebraica", e que "elas representam uma leitura do idioma hebraico através de óculos ocidentais".¹⁵

5. A teoria menospreza as advertências de Ellen G. White contra a tentativa de se estender o cumprimento de qualquer profecia de tempo para além de 1844

Se essa teoria fosse correta, bastaria ser promulgado o decreto dominical, e já saberíamos por antecipação quando a porta da graça se fecharia e quando ocorreria a segunda vinda de Cristo. Essa é, por conseguinte, mais uma forma sutil e capciosa de se estabelecer datas para os eventos finais. Por mais originais e criativas que possam parecer, essas tentativas não passam de propostas especulativas, que desconhecem ou menosprezam, em nome de Ellen White, as suas próprias advertências sobre o assunto.

Já em 1850, ela escreveu: "O Senhor me mostrou que o tempo não tem sido um teste desde 1844, e que o tempo nunca mais será um teste."¹⁶ Posteriormente, acrescentou que "nunca mais haverá para o povo de Deus uma mensagem baseada em tempo". "O Senhor mostrou-me que a mensagem deve ir, e que não deve depender de tempo; pois tempo não será nunca mais uma prova. Deus não nos revelou o tempo em que esta mensagem será concluída, ou quando te-

rará fim o tempo de graça."¹⁷ Somente depois do fechamento da porta da graça, e pouco antes da segunda vinda, é que Deus há de declarar aos salvos "o dia e a hora da vinda de Jesus".¹⁸

Comentando a expressão "que não haveria mais tempo" (Apoc. 10:6 KJV), em 1900, a sra. White declarou: "Esse tempo, que o anjo declara com um solene juramento, não é o fim da história deste mundo, nem o tempo de graça, mas o tempo profético, que precederia o advento de nosso Senhor. Ou seja, o povo não terá outra mensagem a respeito de um tempo definido. Após este período de tempo, que se estende de 1842 a 1844, não pode haver qualquer cálculo definido de tempo profético."¹⁹

Sendo esse o caso, por que então continuar insistindo em reaplicar os 1290 dias e os 1335 dias de Daniel 12 para o futuro? Cabe somente a Deus julgar o grau de sinceridade daqueles que assim o fazem, mas uma coisa é certa: A "fé em uma mentira não terá influência santificadora sobre a vida ou o caráter. Nenhum erro é verdade, nem pode tornar-se verdade pela repetição, ou por fé nele. ... Posso ser perfeitamente sincera em seguir um caminho errado, mas isso não torna o caminho certo, nem me levará ao lugar que eu desejava chegar".²⁰

Protegidos do engano

É evidente, portanto, que a teoria de um cumprimento futuro dos 1290 e 1335 dias baseia-se numa leitura parcial e tendenciosa dos escritos de Ellen White, quebra o paralelismo profético-literário do livro de Daniel, apóia-se em uma interpretação não bíblica do termo hebraico *tamid*, reflète a interpretação jesuítica futurista da Contra-Reforma católica, e menospreza as inspiradas advertências contra a tentativa de se estender o cumprimento de qualquer profecia de tempo para além de 1844.

Numa época em que os vendavais de falsas doutrinas estarão soprando com forte intensidade (Efés. 4:14), "para enganar, se possível, os próprios eleitos" (Mat. 24:24), só estaremos seguros se alicerçados sobre a clara e inamovível Palavra de Deus. Toda "nova luz", para ser verdadeira, deve estar em perfeita harmonia com o consenso geral das Escrituras e dos escritos inspirados de Ellen White.²¹ Os atalaias do povo de Deus jamais deveriam permitir que as conjecturas e as especulações humanas os impeçam de dar à trombeta o somido certo (Eze. 33:1-9; I Cor. 14:8).

Referências:

- 1 LeRoy Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Washington, D.C.: Review and Herald, 1954, vol. 4, págs. 205 e 206.
- 2 William Miller, *Evidences from Scripture and History of the Second Coming of Christ about the Year a.D. 1843, and of His Personal Reign of 1000 Years*, Brandon, Vermont: Telegraph Office, 1833, pág. 31; Idem, *Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ, about the Year 1843. Exhibited in a Course of Lectures*, Boston, Joshua V. Himes, 1842, págs. 95-104, 296 e 297; Idem, *Synopsis of Miller's Views*, Signs of the Times, 25/01/1843, págs. 148 e 149.
- 3 P. Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist message and Mission*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977, págs. 168-170.
- 4 ver Uriah Smith, *Synopsis of the Present Truth*, nº 12, Review and Herald, 28/01/1858; Stephen N. Haskell, *The Story of Daniel the Prophet*, Berrien Springs, MI, 1903; págs. 263-265; J. N. Loughborough, *The Thirteen Hundred and Thirty-Five Days*, Review and Herald, 04/04/1907, págs. 9 e 10; Uriah Smith, *The Prophecies of Daniel and the Revelation*, Washington, D.C.: Review and Herald, 1944, págs. 330 e 331; George Price, *The Greatest of the Prophets: A New Commentary on the Book of Daniel*, (Mountain View, CA, 1955, págs. 337-342; Araceli S. Melo, *Testemunhos Históricos das profecias de Daniel*, Rio de Janeiro, RJ, Laemmert, 1968, págs. 727-729. Francis D. Nichol (editor), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Washington, D.C., Review and Herald, 1977, vol. 4, págs. 880 e 881; Vilmar e. Gonzalez, "Os 1290 e 1335 dias em Daniel 12", Revista Adventista, 09/82, págs. 43 e 45; Hacques B. Doukhan, *Daniel: The Vision of the End*, Berrien Springs, MI, 1989, pág. 135; William H. Shea, "Time Prophecies of Daniel 12 and Revelation 12 e 13, in Frank Holbrook (editor), *Symposium on Revelation - Book 1*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 6, Silver Spring, MD, 1992, págs. 327-360.
- 5 Victor Michaelson, *Delayed Time-setting Heresies Exposed*, Payson, AZ: Leaves-Of-Autumn, 1989.
- 6 E. G. White, *Carta H-28*, 07/11/1850.
- 7 James White, "The Judgment", *Review and Herald*, 29/01/1857, pág. 100.
- 8 J. N. Loughborough, "The Hour of His Judgement Come", *Review and Herald*, 14/02/1854, pág. 30; Uriah Smith, "Short Interviews with Correspondents", Idem, 24/02/1863, pág. 100, e 08/09/1863, pág. 116.
- 9 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 188.
- 10 Idem, *Manuscrito 50*, 1893; *Carta K-59*, 22/11/1896; *Manuscrito 176*, 04/11/1899; *Manuscrito 10*, 1900; *Carta B-6*, 17/01/1907.
- 11 P. Gerard Damsteegt, *Op. Cit.*, pág. 169.
- 12 William H. Shea, *The Abundant Life Bible Amplifier*, Boise ID, Pacific Press Association, 1996, págs. 217-223.
- 13 LeRoy Froom, *Op. Cit.*, vol. 2, págs. 241-463.
- 14 *Ibidem*, págs. 495-502.
- 15 Frank Holbrook, *Symposium on Revelation - Book 1*, pág. 327.
- 16 Elen G. White, *Primeiros Escritos*, pág. 75
- 17 Idem, *Op. Cit.*, vol 1, págs. 188 e 191.
- 18 Idem, *O Grande Conflito*, pág. 640.
- 19 Comentários de Ellen White em *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pág. 971.
- 20 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 56.
- 21 Idem, *Counsels to Writers and Editors*, págs. 33-51.

Caçadores de alegria

MOZANIEL VIANA
DE OLIVEIRA

Secretário ministerial da
Associação Pernambucana



Ela ainda não chegara aos sete anos, mas todas as manhãs, enquanto a maioria das crianças de sua idade ainda dormia, já se encontrava na piscina do prédio no qual morava. Ali, sem o comodismo da água aquecida, diariamente nadava cerca de três mil metros.

Certo dia, um vizinho que sempre a observava perguntou-lhe: "Que tal nadar?" E a menina prontamente respondeu: "É bom!" O curioso vizinho resolveu fazer mais uma pergunta: "Isso é prazeroso, é divertido?" Contraindo a face, como quem acabara de provar o sabor de uma fruta ácida, a garota não titubeou: "Não." Para aquele homem, pareceu estranho uma criança manifestar, precocemente, tanto interesse e vontade de auto-aperfeiçoamento através da prática de um esporte tão exigente de disciplina como a natação. E isso sem achá-lo divertido.

Sem dúvida nenhuma, a grande lição daquele diálogo está por trás das respostas que a menina deu ao seu interlocutor: a capacidade, que muitos já perderam, de abraçar o que é necessário mas nem sempre é prazeroso, pela razão de que isso for-

ma a garantia de uma desejada e promissora recompensa, em busca da qual se vive. Esse processo não é divertido mesmo; entretanto, produz um estado de alma que é superior a qualquer prazer fugaz.

Buscar o reino eterno é buscar o aperfeiçoamento e a recompensa futura. A disciplina que essa busca acarreta não é divertida porque "toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria" (Heb. 12:11). Mas a mesma disciplina que não parece ser motivo de alegria para um observador distraído, para aquele que sabe o que está buscando, pode ser a razão da própria alegria. Não diriam assim os apóstolos do Senhor? Eles que foram injustamente presos e açoitados, mas "se retiraram do Sinédrio, regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome" (Atos 5:41).

Justamente porque perseveraram até o fim, certamente apreciaram e aceitaram de bom grado a disciplina que não parecia ser motivo de gozo. A disciplina resultante da procura de um objeto digno proporciona dignidade àquele que o busca. Sendo essa uma boa razão para o regozijo dos discípulos, é também uma boa razão para a nossa alegria.

Entre o prazer e a dor

Os estudiosos do comportamento humano convencionaram dizer que entre o prazer e o sofrimento oscilam os indivíduos num esforço supremo; buscando o primeiro, mas fugindo e renegando o segundo. Prazer é definição para a sensação de agrado, o que é agradável, mas "o prazer mesmo no seu sentido lato, é de definição difícil, sendo mesmo impossível. No sentido escrito é a sensação específica oposta à dor".¹ Isso está em harmonia com o termo latino *placere*, que embora sem sentido próprio também significa agradecer, agradável, etc.

O apóstolo Paulo tinha prazer mas não renegava a dor, porque encontrou um sentido para ela. Assim, o que lhe parecera desagradável veio a ser conseqüência de sua satisfação e de seu prazer (grego *eudokeo*): "Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte" (II Cor. 12:10). O prazer daquele que imitava a Jesus, nada tinha em comum com o prazer do Mazoque que os cínicos procuraram lhe atribuir. Desse mesmo prazer (*eudokeo*) nosso Pai celeste experimentou quando fez a apresentação de Seu Filho, batizado por João Batista no rio Jordão: "Este é Meu Filho amado em quem Me comprazo" (Mat. 3:17; Luc. 3:22; Mat. 17:5).

Todos devemos experimentar um prazer assim, o qual o mundo confuso já não conhece, embebido que está por um prazer eufórico ou sensual, de natureza variante e equivocada. Um prazer que não demora em revelar o seu lado rude, o tédio. E mais, a dor poderá ser a indesejável colheita, segundo a sentença de Schopenhauer: "À medida que conseguimos distanciar-nos da dor, nos aproximamos do tédio e assim reciprocamente."²

O princípio

Com o reconhecimento da proposta tripartite de Freud, dividindo a mente humana em ego, id e superego, o id inconsciente, encerrando as emoções, o gozo, os instintos primitivos e o "princípio do prazer" como seu poder regente, ganhou como que por convenção tácita o apoio social. Como lembra Pascoal Ionata, "a nossa sociedade assumiu como valor principal o hedonismo... O 'princípio do prazer' freudiano foi adotado como sentido e significado da vida".³

Poderia essa sociedade adotar de bom grado e conscientemente valores verdadeiros e positivos, como a verdade e a justiça expressas em atos e ações contrários ao "princípio do prazer"? Dentro do hedonismo de Freud seria impossível, porque "por mais forte que se suponha um ego, jamais ele chegará a integrar todo o consciente".⁴ E para usar as sentenças de Lowen, no prazer, a vontade se perde; e o ego, sem conciliar as duas partes, cede sua hegemonia sobre o corpo ao prazer. Do mesmo modo, o superego com seus valores morais e idéias perde sua força.

O "princípio do prazer" é um caso pa-

ra séria consideração, pois como significado da vida não é nem mesmo um princípio psicológico, mas psicopatológico. Se ele tem uma certa validade, isso não se aplica aos fatos normais mas somente aos fenômenos patológicos.⁵

O *placere* latim com o mesmo sentido de agradar nada tinha em comum com o *hedonê* – prazer sensível e imediato – da primeira escola hedonista, conhecido como volúpia, prazer sensual, um mecanismo falso pelo qual se tentava fugir de toda sensação de dor. O hedonismo moderno, hoje denominado pelos críticos de “cultura das sensações” ou “cultura do prozac”, incorpora as mesmas doutrinas do antigo hedonismo, que ensinava ser o prazer o único sinal ou a única norma do bem, e que a dor era o único sinal ou norma do mal. O humanismo atual vive e ensina a mesma coisa, segundo o jornalista Jurandir Freire Costa: “O indivíduo hoje já nasce recebendo indicações de que não deve sofrer, mas sim buscar o prazer sensível... A idéia de dor e sofrimento foi se tornando marginal... Você é tanto mais autêntico e mais realizado como pessoa, quanto menos sofrer.”⁶

O filho de Deus segue noutra direção. Por não aceitar o “princípio do prazer”, ele sabe que contraria a sociedade hedonista atual. E sabe que, por contrariá-la, pode acarretar para si sofrimento. Mas aceita conviver com tal situação. Reconhece que a dor está inserida no seu viver, em consequência do seu perseverante relacionamento com Cristo, do mesmo modo que a dor acidental está inserida como consequência de alguma causa natural. A dor será recebida sem fuga, porque o cristão fiel é direcionado por um princípio mais compensador que o prazer.

Todos sabemos, por exemplo, que a necessidade de comer ou beber cria em nós um estado de tensão, o qual sendo descarregado através da satisfação produz uma sensação de agrado e bem-estar. Uma sensação assim poderia ser chamada de sensação de prazer, mas “o segredo do prazer está oculto no fenômeno da excitação”, daí preferirmos defini-la como alegria, que não pode ser ocultada num mero fenômeno excitante, nem revelada numa simples satisfação momentânea; porque na vida cristã ela é transcendente. “Portanto, quer comais, quer bebais ou fazeis outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (I Cor. 10:31).

O prazer, como princípio traz maus resultados: “Os que bebem da fonte do prazer egoísta, estão enganados. Confundem

a hilaridade com a força, e uma vez passada a excitação, a inspiração termina, e são deixados entregues ao descontentamento e acabrunhados.”⁸ Os que estão buscando a vida perfeita escolhem a alegria que não tem gradação com variações infinitas: *chara, charan, chairen, chirete*, tudo isso é alegria, gozo, júbilo, regozijo; e ainda há o termo *charis*, que na mesma raiz grega significa graça. Embora não sendo alegria, é favor satisfatório que contribui para a alegria, pois pela graça divina praticamos o ato perfeito. E a alegria, na observação de Aristóteles, é o acompanhamento do ato perfeito.

A alegria deve ser adotada pelo povo de Deus como um dos verdadeiros princípios de vida. Não apenas um princípio antagônico ao “princípio do prazer” hedonista; mas porque o nosso senhor deseja ver Seus filhos dominados pela alegria, e não simplesmente como caçadores de prazer. “Alegrai-vos sempre no senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Fil. 4:4). Que princípio!

O prazer não resistiria a um confronto com a alegria, em virtude da superioridade desta. “A alegria é tão diferente do prazer como a jóia difere do estojo que a encerra... O prazer é uma satisfação mais material, enquanto que a alegria é mais espiritual; o prazer é mais tumultuoso, a alegria mais profunda; o prazer mais passageiro, a alegria mais permanente; o prazer mais localizado, a alegria mais difusa; o prazer é mais inquieto, a alegria é mais expansiva; o prazer é cansativo, extenuante às vezes, mas a alegria é sempre revigorante, reanimadora. A alegria é um estado... ela vem do interior; o prazer nos é oferecido de fora.”⁹

Glória de Deus

Deveríamos refletir mais seriamente nestas considerações, sem ficar preocupados com divertimentos. “Que ninguém comece por crer que os divertimentos são essenciais e que o inconsiderado desprezado pelo Espírito Santo durante horas de prazer egoísta deve ser considerado coisa sem importância. Deus não se deixa escarnecer... Deus não reconhece os caçadores de prazer como Seus seguidores.”¹⁰

Ser alegre não significa estar privado de todo gozo ou recreação, pelo contrário, “é privilégio e dever dos cristãos procurar refrigerar o espírito e revigorar o corpo mediante inocente recreação, com o intuito de empregar as energias físicas e mentais para a glória de Deus”.¹¹ Não deveriam os pastores, professores e pais caçar a alegria, em favor daqueles que estão sob os seus cuidados?

Esaú foi buscar longe a caça, a fim de preparar um guisado prazeroso para o seu pai. São assim como Esaú os caçadores de prazer. Mas a alegria está perto de nós, tão perto como estava o animal com o qual Jacó preparou a refeição que alegrou Isaque, na ausência do irmão. Se a alegria acompanha o ato perfeito, ela deve estar dentro de nós e sempre em nós. Porque “não é o que está ao nosso redor, mas o que está em nós; não o que temos, mas o que somos, que nos faz realmente felizes... a alegria do cristão é produzida pela consideração das grandes bênçãos que gozamos por sermos filhos de Deus... pela certeza de que temos reconciliação com Deus, a esperança que temos da vida eterna por Cristo, e o prazer de ser uma bênção aos outros”.¹²

Nossa alegria é produzida pela “consciência de um tesouro. Não é possível sermos tristes e nos lembrarmos dos bens naturais e sobrenaturais que possuímos”.¹³ Com a consciência de um tesouro, e fazendo tudo para a glória de Deus, a alegria interior aflora até nas dificuldades. “A alegria interior, quando autêntica, promove naturalmente sensibilidade mais apurada, tornando tudo mais fácil e suportável. Até mesmo as dificuldades cotidianas são superadas sem tédio, sem frustração.”¹⁴

O prazer na moldura em que foi colocado pelo hedonismo moderno, não serve mais para nós cristãos. Em compensação, resta a alegria resultante de um agradável, embora não divertido viver, mas porque é agradável “viver de modo digno do Senhor, para o Seu inteiro agrado” (Col. 1:10), “mantendo fé e boa consciência” (I Tim. 1:19).

O bom efeito desse viver é alegria; pois “a alegria é o estado normal da consciência em ordem: é a saúde da alma”.¹⁵

Referências:

- 1 Dicionário Enciclopédico Brasileiro Ilustrado, pág. 1 245.
- 2 Arthur Schopenhauer, *Sabedoria da Vida*, pág. 51.
- 3 Paschoal Ionata, *Prazer Equivale a Felicidade?*, Cidade Nova 1/89, pág. 26.
- 4 Ignace Lepp, *Luzes e Trevas da Alma*, pág. 32.
- 5 Paschoal Ionata, *Op. Cit.*, pág. 51.
- 6 Jurandir Freire Costa, *Folha de S. Paulo*, 15/11/98, *Caderno Mais*, pág. 6.
- 7 Paschoal Ionata, *Op. Cit.*, pág. 27.
- 8 Ellen G. White, *O Melhor da Vida*, pág. 152.
- 9 Henri Pradel, *Os Lazeres Meios de Formação*, pág. 147.
- 10 Ellen G. White, *O Lar Adventista*, pág. 525.
- 11 _____, *Mensagens aos Jovens*, pág. 364.
- 12 _____, *Nos Lugares Celestiais*, pág. 245.
- 13 Narciso Yrala, *Controle Emocional e Cerebral*, págs. 51 e 52.
- 14 H. Lindberg, *Jornal de Psicologia*, setembro de 1986, pág. 13.
- 15 Henri Pradel, *Op. Cit.*, pág. 102.

Minha sublime paixão

EDWARD EARL CLEVELAND

*Secretário ministerial e evangelista
da Associação Geral da IASD, jubilado*



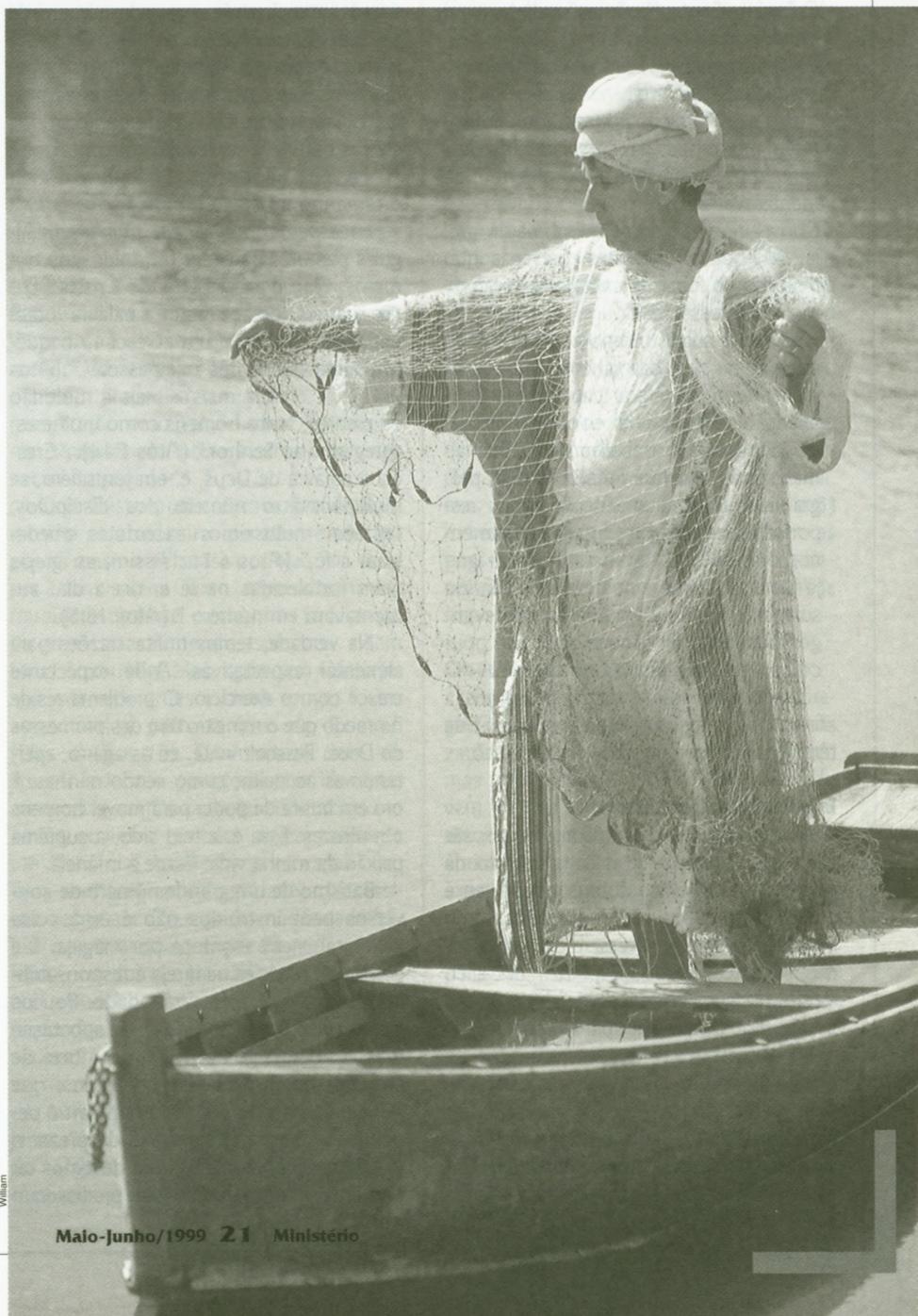
Divulgação

Uma das principais tarefas de um ministro é o evangelismo. "Disse Jesus a Simão: Não temas: doravante serás pescador de homens." (Luc. 5:10).

Mateus, Marcos e Lucas afirmam o princípio básico de que o crescimento do reino de Deus é o elevado propósito do evangelismo. Como podemos conseguir esse crescimento?

O pregador é o componente básico no processo evangelístico. Pescar homens e mulheres é o seu negócio. Os pregadores não foram chamados para ser executivos burocratas. Eles são ordenados por Deus para ganhar almas. Qualquer coisa que possa afastá-los desse objetivo deve ser rejeitada. Por 150 anos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem enfatizado a produtividade individual do pastor. A liderança não tem falhado em compreender o significado da ênfase sobre o evangelismo.

Quando era presidente da Associação Geral da Igreja, Arthur G. Danniells ouviu de Ellen White o conselho no sentido de que dirigir uma campanha evangelística lhe seria salutar. Embora envolvido pelas tarefas de presidente da mesma organização, Tiago White foi um ativo ganhador de almas. O



William

Pastor Neal Wilson dirigiu muitas campanhas evangelísticas, quando ocupou a mesma função. O Pastor Walter R. Beach, em seus dias de secretário da Associação Geral, encaminhou muitas pessoas à Igreja, através de estudos bíblicos pessoais. O mesmo pode ser dito dos Pastores Robert Pierson e Robert Folkenberg, ex-presidentes da Igreja Adventista. Se esses homens envolvidos por muitos e pesados afazeres administrativos, encontraram tempo para pescar homens, que dizer daqueles que estão alocados na linha de frente?

Em meus 56 anos de experiência ministerial, cheguei a algumas conclusões que acredito serem importantes para o sucesso no evangelismo.

- O Espírito Santo é o único verdadeiro ganhador de almas.
- As Escrituras Sagradas se constituem a "espada do Espírito".
- Instrutores bíblicos consagrados contribuem muito mais para o sucesso de uma campanha evangelística, do que normalmente avaliamos.
- Conseguir o apoio dos membros da igreja, para que levem visitas e pessoas interessadas ao local da campanha, é absolutamente essencial.
- Não existe substituto para um pregador, ao vivo, na hora da colheita.
- Treinamento de leigos, capacitação e supervisão motivacional constantes, direcionados para o trabalho de ganhar almas são o "elo que falta" no atual programa evangelístico. Até que essa responsabilidade seja assumida e ativamente promovida pela administração da igreja local, continuaremos experimentando surtos espasmódicos de atividade evangelística leiga, um pouco aqui, um pouco ali, nada mais.

Tendo dito essas coisas, passemos a analisar alguns princípios conceituais que têm incendiado meu zelo evangelístico.

Esperar grandes coisas

Eu espero que o Espírito Santo me assista em meus esforços. "Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a promessa não é apreciada como devia ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito", diz Ellen White, no livro *Atos dos Apóstolos*, pág. 50.

Na fase de preparo para uma campanha, há certas coisas pessoais para as quais eu atento. Por exemplo, durante duas semanas, permaneço concentrado em oração. Esse é o fator de disponibilidade implícito na declaração anterior. Ele envolve jejum, oração e uma honesta avaliação

de minha incapacidade para guerrear com os demônios. Sem essa preparação espiritual, o próprio inferno celebrará nossos débeis esforços e pobres resultados. "A presença do Espírito com os obreiros de Deus dará à proclamação da verdade um poder que nem toda a honra ou glória do mundo dariam", diz a Sra. White, no mesmo livro (pág. 51).

Eu espero grandes resultados. Sempre levo comigo a convicção de que o sermão que Deus me deu para pregar será efetivo. Essa confiança no espírito da mensagem me leva, naturalmente, a fazer apelos. Em qualquer ocasião, quando a igreja está lotada, eu peço aos ocupantes dos primeiros bancos da fileira central, para deixá-los vazios, atencipando o grande número de pessoas que atenderão ao apelo. No momento oportuno, apelo e continuo apelando mais e mais à medida que as pessoas respondem. O nível de conforto dos santos não deve ser levado em conta aqui. A "paciência dos santos" não deve decidir o tamanho do apelo.

Eu espero abundância numérica. Alguns pastores parecem ter medo dos números. Não os discípulos de Cristo. "Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados; havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas." (Atos 2:41). "E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor." (Atos 5:14). "Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé." (Atos 6:7). "Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número." (Atos 16:5).

Na verdade, temos muitas razões para alistar expectativas. A fé expectante cresce com o exercício. O problema reside no medo que o ministro tem das promessas de Deus. Pessoalmente, eu as agarro, apertando-as ao peito, como sendo minhas. E oro em busca de poder para mover homens e mulheres. Essa é, e tem sido, a suprema paixão da minha vida, desde a infância.

Batismo de um grande número de conversos bem instruídos não é uma coisa accidental, nem acontece por mágica. E a conservação deles na igreja é responsabilidade do pastor e da irmandade. Poucos batismos terão menor índice de apostasia, mas também significam pequena taxa de crescimento. A verdade é que tudo o que girar em torno do pequeno também é pequeno. Embora não devamos desprezar o dia das pequenas coisas, não devemos ter ideais pequenos. Os profetas predisseram

grandes coisas para os últimos dias. Vamos reclamá-las.

Comprometimento

"Alguns dos que se entregam ao serviço missionário são fracos, sem energia, sem entusiasmo e facilmente desanimáveis. Falta-lhes a iniciativa. Não têm aqueles positivos traços de caráter que dão a força para fazer alguma coisa – o espírito e energia que iluminam o entusiasmo. Aqueles que desejam obter sucesso devem ser corajosos e otimistas. Devem cultivar não só as virtudes passivas mas as ativas." – *Obreiros Evangélicos*, pág. 290.

Por volta de 1951, eu estava conduzindo uma campanha evangelística em Orlando, Flórida. Na noite de abertura, o auditório estava ocupado por um homem idoso e 499 cadeiras vazias. Para piorar o vexame, as cadeiras eram novas. O brilho das lâmpadas refletido nos assentos vazios poderia ser psicologicamente depressivo. Mas eu me lembrei das palavras de Ellen White: "Alguns golpeiam quando o ferro está quente; eu esquento o ferro para golpear." Eu também trabalho com a teoria segundo a qual "ao que tem, deve ser dado. Ao que não tem e nem prega com entusiasmo, até o que tem lhe será tirado". Assim, naquela noite, dispensei àquele velho homem o melhor tratamento. Dias depois foram acrescentados mais 14 preciosos ouvintes. Certo ou errado, aquelas 15 pessoas deixavam o auditório comentando "homem nenhum falou como esse homem!" Logo tínhamos centenas de pessoas. O Espírito Santo honrou minha fé com 108 batismos naquela campanha.

Eu espero que minha equipe esteja comprometida com esforço total. Não há lugar para indivíduos frouxos e tímidos. O que eu espero deles também exijo de mim mesmo. E Deus nos abençoa. Está escrito que "quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por Minha causa achá-la-á" (Mat. 16:25). Eu tomo isso como uma verdade literal.

Numa campanha, preguei 22 semanas, seis noites por semana, e cada sábado, por doze semanas. É verdade que Deus diariamente reabastece as energias daqueles que trabalham para expandir a Sua Causa. Isso é verdade ainda hoje. Aos 77 anos, sinto que as boas-novas ainda empolgam minha alma e, certamente, a de outros para os quais preguei.

Satisfação de partilhar

Ser um pregador adventista do sétimo dia é o mais elevado privilégio da Terra.

Digo isso fundamentado em 56 anos de experiência. Ao ler este artigo, você está conhecendo os pensamentos de um ministro satisfeito. E isso nada tem a ver com promoções recebidas ou negadas. Elogios e críticas também não inflaram ou esvaziaram minha atitude para com o ministério. É de solene do ministro salvaguardar o íntimo da sua alma contra corrupção. Se o pastor conseguir viver tal experiência, "o dever será um privilégio e o serviço um prazer". Submeta-se a esse princípio e, como uma bateria de alta potência, sua durabilidade será extensa.

Quando terminei meu curso teológico no Oakwood College, eu não recebi chamado para qualquer distrito ou atividade na Organização adventista. Mas não sucumbi em sentimentos de autopiedade. Consciente de que Deus me chamara para ser um ministro do evangelho, eu sabia meu destino. E assim, tal como Paulo, procurei e encontrei empregos seculares. Entretanto não pude assumi-los em virtude da guarda do sábado. Essa experiência durou um ano, enquanto eu ainda aguardava ansiosamente uma chamada telefônica informando-me de algum convite para ingressar nas fileiras ministeriais.

Finalmente, aconteceu. Tendo aprendido a suportar durezas, como um bom soldado, através do ministério de sustento próprio, explodi minha alegria e emoção quando recebi as boas-novas, no dia 1º de junho de 1942. Eu era parte integrante do ministério mundial adventista do sétimo dia.

Partilhar com outros o que nos beneficia pessoalmente, como pastores, dá à pregação maior significado, e, ao pregador, um apurado senso de missão. Comunicar à humanidade necessitada o que enriquece e prolonga a vida aqui, além de garantir vida futura, é a essência do ministério evangélico. A própria idéia gera entusiasmo. Os resultados e o processo produzem satisfação.

Mas isso não é o produto final que mais interessa. As mudanças vistas na vida daqueles aos quais ministramos é muito gratificante. Nova esperança brilhando nos olhos dos novos crentes. Hábitos radicalmente mudados contam sua própria história. A população do reino de Deus é o supremo propósito da pregação. Só isso sacia a fome ministerial. O caçador vai pelas pedreiras e penetra densos matagais, mira a caça, consegue-a, e esta se torna o seu precioso tesouro. O ministro cristão é o caçador de Deus. A Bíblia é o rifle. O pastor vai atrás da caça humana, atinge repetidamente o pecado no íntimo da alma, com munição mortal;

e a alma torna-se um caro troféu do Rei dos reis. Essa é a satisfação maior.

Esse conceito nos leva naturalmente à necessidade de fazer apelos. Um apelo é um chamado específico e requer resposta. Muitos ministros pregam com vigor e persuasão, mas são relutantes quanto a soliciar uma evidência visível de que as pessoas foram convertidas durante ou depois da apresentação da mensagem. Isso é um infortúnio. Anônimos conversos são privados da necessária expressão daquilo que os torna efetivamente adoradores e servos do verdadeiro Deus.

O ministro que se recusa a fazer apelos pode até ser um pregador completo, mas está falhando na área mais necessária; isto é, pessoas acrescentadas à igreja diariamente. A população do reino de Deus é o produto e o fim legítimo da pregação. Os sermões que produzem pouca convicção para a conversão falham no objetivo final dessa ordem celeste.

Deixando Deus falar

O apelo de um sermão deve expressar três realidades profundas: Deus quer, Deus é capaz, e Deus está disponível. O Gólgota demonstra a vontade de Deus para salvar o pecador. Que o Deus que criou o homem pudesse descer à cruz a fim de cumprir seu propósito redentor é uma demonstração indizível de amor. É a suprema expressão do interesse divino pela salvação do pecador.

Que Cristo pudesse esvaziar-Se de Si mesmo para redimir o pecador, é um ato por si mesmo persuasivo. "Naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo." (Éfes. 2:12 e 13). Essa certeza deve ser apresentada aos pecadores, ou eles permanecerão com o coração endurecido.

Os ouvintes também devem ouvir de um Deus que é infinitamente capaz. Devem conhecer suas fragilidades. Necessitam saber que Deus pode mudar cada hábito e perdoar qualquer pecado; que não há ferida nem dor que Ele não possa cicatrizar; que o poder de Deus pode libertar do mais profundo inferno; que "a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o Seu ouvido, para não poder ouvir" (Isa. 59:1); e que "o sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 João 1:7). Tal mensagem constrói confiança e encoraja os ouvintes a lança-

rem-se a si mesmos sob a graça de Deus.

O povo também deve saber a disponibilidade de Deus. "Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então, Me invocareis, passareis e orar a Mim, e Eu vos ouvirei. Buscar-Me-eis e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração." (Jer. 29:11-13). Essa declaração sobre a disponibilidade divina é conclusiva. Apenas necessitamos pregar a Seu respeito, e o coração de homens e mulheres que estão famintos dessa Palavra serão movidos.

No entanto, alguns ministros temem esse momento de verdade. Esse temor somente pode ser superado pela prática de fazer apelos. A proficiência é desenvolvida pela prática. Um fator que ajudará muito é terem os ministros fé na substância e no poder de sua mensagem. O Deus que capacita o mensageiro tornará poderoso o apelo. É bem verdade que algumas vezes não haverá nenhuma resposta. Mas isso não deveria causar o menor embaraço, se levarmos em conta que não nos representamos a nós mesmos. Estamos falando em nome de "outra Pessoa". A rejeição do apelo não é a rejeição da nossa pessoa ou da nossa mensagem, mas a rejeição de Deus e Sua mensagem.

O apelo para o discipulado deve alcançar três classes de ouvintes: 1) aqueles que uma vez foram fiéis, mas caíram; 2) cristãos que acreditam no que você ensina, mas ainda não fizeram sua decisão; e 3) incrédulos que pela primeira vez ouvem as boas-novas do evangelho. Cada uma dessas classes representa um rico potencial de resposta, esperando para ser convidada.

Obediência ao chamado

Pregadores chamados por Deus empregarão seu potencial máximo na evangelização. A denominação pode empregar, mas somente Deus chama. Esse chamado vem de três maneiras: convicção íntima, associação e confrontação direta. Samuel é um exemplo da primeira, Elias é um exemplo da segunda, e Paulo é um exemplo da terceira.

Cada um desses três homens entrou para o ministério por um caminho diferente. Mas todos tinham uma âncora comum. O chamado de Deus dominou a paisagem de sua mente, eclipsando todas as outras atividades ou profissões, e eles se curvaram de boa vontade ao jugo do Onipotente, e assumiram a tarefa que lhes foi designada: a de atrair pessoas e fazer crescer o reino de Deus.

Sucesso garantido

JOSE UMBERTO MOURA

*Diretor de Ministério Pessoal,
Escola Sabatina e Evangelismo da Missão
Sergipe-Alagoas*



Divulgação

Uma idéia considerada nova ou desconhecida passa, geralmente, por três fases antes de ser assentada no conhecimento geral: fase da reação, fase da dissimulação e a fase da assimilação ou aceitação. A idéia da formação de pequenos grupos é divina e tem sido muitas vezes justificada através do bem conhecido pensamento: "A formação de pequenos grupos como base do esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar." – *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 84.

Isso deveria ser bastante. Mas o que às vezes vale não é a autoria da idéia, mas o seu conhecimento e domínio. A idéia até pode ser antiga; entretanto, ela precisa se tornar conhecida. Como a idéia de pequenos grupos é apresentada de forma geral, tanto na Bíblia como nos escritos de Ellen White, fica alguma interrogação quanto ao procedimento.

O fato de ser geral, pode querer indicar que a idéia não deve ser rígida ou dogmática; mesmo assim, nada impede que se procure praticá-la com a maior segurança, sendo absolutamente necessária a direção do Espírito Santo. Outra forma de verificar

se o plano está dando certo é acompanhar os seus frutos, seguro indicativo de sua evolução, onde os pequenos grupos já alcançaram maioridade e estabilidade.

Se a idéia é divina, deve dar certo, embora algumas idéias divinas não tenham prosperado em determinadas épocas, porque não foram devidamente seguidas. Existe tal risco em relação aos pequenos grupos? Sim. E uma das maneiras de evitá-lo é somar e dividir o que já é conhecido. Além de partilhar o testemunho das igrejas que vivem esse estilo de vida apostólico e profético.

Abrangência

A expressão "pequenos grupos" pretende dizer mais do que sugere sua etimologia e semântica. É um termo no qual estão codificadas suas informações básicas. Podemos nos referir a eles como um plano, projeto, método, ou uma estratégia. São tudo isso e muito mais. Nenhum desses termos pode, isoladamente, defini-los.

Os pequenos grupos, na realidade, são um processo organizado intencionalmente para o crescimento, conservação e preparo final da Igreja. Têm como objetivo a missão espiritual, social, profética e escatológica da Igreja, sob a direção da vontade de Deus revelada na Bíblia, e a direção do Espírito Santo. Desenvolvem-se a partir de reuniões interativas em grupos de oito a 12 pessoas, que acontecem em dia, local e horário regulares, buscando através do louvor, oração, testemunho e estudo da Palavra, o aperfeiçoamento de cada cristão, família e congregação.

Como processo, os pequenos grupos necessitam de tempo para se desenvolver, aglutinar os departamentos, promover a unidade e viabilizar as possibilidades evangelísticas, de acordo com as características locais. Eles não nascem prontos,

mas se desenvolvem, quase naturalmente, numa dinâmica eclética. Valem-se de recursos pedagógicos e didáticos, funcionam como uma escola que transmite conhecimento através do ensino e da experiência ou testemunho.

Busca de unidade

Os pequenos grupos, hoje, são uma unanimidade no mundo inteiro, mas não são uma uniformidade. Empresas, igrejas, segmentos sociais livres, etc., estão praticando pequenos grupos de diferentes maneiras e diversos objetivos, de acordo com a estrutura e a filosofia de cada um. Alguns acham que a diversidade de práticas e formas somente enriquece, e que a formação de pequenos grupos deve ser livre para se adaptar às diversas culturas e características regionais. Outros acham que essa pulverização de formas poderá enfraquecer a prática e os objetivos do processo, comprometendo assim os prováveis resultados. Acrescentam que uma base de uniformidade, como é o caso da Escola Sabatina, asseguraria melhor assimilação e melhor desempenho.

Mas aqui cabe um esclarecimento: a Escola Sabatina é um programa desenvolvido em pequenos grupos, mas uma classe de Escola Sabatina não é um pequeno grupo, contextualmente falando. Uma igreja toda dividida em classes de Escola Sabatina não significa que esteja organizada em pequenos grupos. Temos também outras comissões de trabalho, grupos familiares, de oração, microséries de evangelismo, etc., que são programas e tarefas realizados com poucas pessoas, mas não significa que sejam pequenos grupos, no sentido específico da expressão.

Os pequenos grupos têm uma proposta diferente, um método peculiar, uma estratégia particular, objetivos específicos.



forma que cada núcleo, além das reuniões semanais, também se encontra no sábado. As visitas que freqüentam um pequeno grupo sentem-se mais motivadas a estar na igreja aos sábados, porque ali encontrarão seus amigos.

Outra vantagem é que os membros moram próximos uns dos outros, e toda atividade missionária do pequeno grupo corresponde à atividade missionária da Escola Sabatina. Assim é realizado um velho sonho das antigas unidades evangelizadoras – a evangelização dos vizinhos e amigos.

Os pequenos grupos se apossaram do evangelismo, e vice-versa, em suas mais variadas formas. Desde os primeiros programas, ainda na fase de reavivamento, os membros da igreja convidam os irmãos afastados para participarem dos pequenos grupos. Às vezes, essa pessoa é da própria casa onde se realizam os encontros. Dificilmente iria à igreja, mas aceita participar de uma reunião informal. Muitos têm sido reintegrados à congregação por esse meio.

Há muitos membros que se dizem sem dom, conhecimento ou coragem para dar estudos bíblicos aos vizinhos e amigos, ou disposição para convidá-los a ir à igreja. Mas se dispõem a convidá-los para os en-

contros nos lares. Uma igreja organizada em pequenos grupos é muito mais fácil de ser mobilizada para o evangelismo público. No ano de 1997, por exemplo, o distrito da igreja central de Aracaju, SE, apoiou o trabalho liderado pela equipe de evangelismo do Seminário de Teologia do Iaene (incluindo um professor e alunos do terceiro ano). Mais de 100 pessoas foram batizadas. Os pequenos grupos não somente participavam diretamente no programa de evangelismo, como também assimilavam os novos membros conquistados.

Retrospectiva

A experiência da igreja central de Aracaju com os pequenos grupos já foi considerada nesta revista (*Ministério*, março/abril 98). Desta feita apresentamos dados mais abrangentes. Em 1995, assumimos aquele distrito pastoral, que tinha apenas com oito igrejas e grupos. Nesse mesmo ano, foi feita a experiência numa das igrejas do distrito com resultados memoráveis. O fato causou tamanha repercussão que a igreja central solicitou a implantação do programa, o que ocorreu no início de 1996. No ano seguinte, todas as igrejas do distrito tinham pequenos grupos.

O melhor resultado desse trabalho, todavia, não poderá ser apresentado através de números ou estatística. Assim como não poderão constar aqui os esforços dos líderes, as lutas na arena da fé, os heróis anônimos que contribuíram das mais variadas formas. As estatísticas não medem o amor de um povo amigo, solidário e fiel. Não revelam suas dores pessoais sublimadas pela visão de uma igreja feliz e vitoriosa. Quem vive essas coisas jamais será a mesma pessoa de antes. Nunca poderá esquecê-las.

Por isso eles causam um grande impacto onde são implantados. Podemos dizer que uma congregação foi bem sucedida na implementação de pequenos grupos quando 1) todo o povo está envolvido; 2) ocorreu um reavivamento sustentado; 3) o número de membros cresceu acima da média; 4) diminuiu sensivelmente o número de apostasias; 5) aumentou o número de membros envolvidos no testemunho e nas atividades gerais da igreja; 6) nasceu uma consciência geral e permanente, por parte dos membros, quanto à importância dos pequenos grupos; e 7) a igreja vive e demonstra sua felicidade com o programa.

Relação com outros setores

Não temos observado nenhuma dificuldade na relação entre os pequenos grupos e os diversos departamentos da igreja. Na verdade, eles enriquecem todas as demais atividades. Os pequenos grupos não suplantam, substituem ou dissimulam os programas denominacionais vigentes. Se porventura isso ocorrer, é um fato isolado e demonstrativo de que algo está errado na implantação e orientação do programa.

É verdade, porém, que os dois departamentos mais positivamente afetados pela influência dos pequenos grupos são a Escola Sabatina e o Ministério Pessoal. Depois que os pequenos grupos se tornam estáveis, eles se transformam em unidades de ação da Escola Sabatina, de

DEPOIS DE TRÊS ANOS E MEIO, OS NÚMEROS ATESTAM A CONSOLIDAÇÃO DO PLANO:

| ANO | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 |
|-------------------------|------|------|-------|-------|
| IGREJAS E GRUPOS | 8 | 9 | 12 | 16 |
| BATISMOS | 152 | 232 | 501 | 620 |
| CRESCIMENTO DE BATISMOS | 20% | 53% | 116% | 24% |
| MEMBROS | 830 | 988 | 1.400 | 1.919 |
| APOSTASIA | 8% | 7% | 6% | 5% |
| CRESCIMENTO REAL | 11% | 19% | 42% | 37% |

A reafirmação do Gênesis

JOSÉ CÂNDIDO BESSA FILHO

Secretário ministerial e evangelista, jubilado, reside em Brasília, DF



Dentre os bilhões de livros editados nos últimos três mil anos, há um que merece destaque especial. Chamado por muitos de "Sagradas Letras", "Livro de Deus", "Palavra do Senhor", também é conhecido como "A Santa Bíblia". Os nomes pelos quais esse livro é conhecido imprimem-lhe um determinado respeito, um quê de reverência. No aspecto físico, ele não difere dos demais; sendo composto de papel, tinta, caracteres, sendo iguais na encadernação. É encontrado em qualidade popular, média ou superior.

A Bíblia é um livro antigo. Possui 3.800 anos, tão antigo quanto Moisés, mais velho que Davi e também mais idoso que Elias. Amamos esse livro. Em qualquer programação da Igreja, seja administrativa, litúrgica, educativa ou evangelística, ele é a autoridade maior. Nossa história, com tudo o que somos, cremos, ensinamos e pregamos, flui de suas páginas.

Mas, embora tenha origem divina, através dos tempos, a Bíblia nem sempre foi muito bem recebida nem ovacionada pela humanidade. Muito pelo contrário, ela já foi alvo de aborrecimento, humilhação e depreciação. Já esteve acorrentada, perse-



guida, e foi queimada em praça pública. Sua impressão e divulgação foram proibidas. Quem a possuísse e seguisse seus conselhos era tachado como herege. E, como tal, era sujeito a punições severas.

No auge da perseguição, na Idade Escura, os vendedores conduziam porções

desse livro presas ao próprio corpo, vendendo-as ou distribuindo-as gratuitamente, quando era seguro fazê-lo. Apesar de todos os obstáculos, empecilhos e intolerância, a Bíblia ainda continua na lista dos livros mais vendidos, um *best-seller* imbatível.

Hoje, na virada do século e de mais um milênio, a inimizade contra a Bíblia é demonstrada pelo indiferentismo, pela omissão, interpretações errôneas e ousada desobediência. Como líderes e como um povo, corremos o risco de nos enquadrarmos em um desses itens. Quanto de nosso tempo investimos em examiná-la? De quanto da nossa atenção ela tem sido alvo? Que grau de respeito lhe devotamos?

Há muitas partes da Bíblia que são menosprezadas: a Lei de Deus, o repouso sabá-

tico, o ensino da mortalidade da alma, as leis de saúde, entre outros.

Porção desprezada

Dentre os 66 livros da Bíblia, um tem sido alvo da rejeição e do desprezo, por parte da maioria dos considerados sábios

do mundo. Trata-se do livro de Gênesis, detestado e vilipendiado, especialmente os primeiros onze capítulos. Os cientistas que vivem escondidos em seus sofisticados laboratórios, entre tubos de ensaio e experimentos, procurando criar vida, detestam o Gênesis.

Os exploradores espaciais, que procuram a origem do Universo valendo-se de satélites, fotógrafos e poderosas antenas, na tentativa de captar sinais da existência de extra-terrestres, também desprezam o Gênesis.

Geólogos e arqueólogos buscam através de fósseis e de antiguidades encontrar algo que venha contribuir para desacreditar o relato do Gênesis. Seguem-se a eles os evolucionistas, ateus, agnósticos, materialistas, espíritas, adeptos da Nova Era. Não faz muito, uniu-se a esse grupo o líder maior da igreja Católica. Através de uma declaração oficial, ele nega a verdade criacionista do Gênesis e aconselha dar-se certa credibilidade aos pronunciamentos da filosofia evolucionista.

Segundo a revista *Veja* (30/10/1996), em mensagem dirigida à Academia de Ciências do Vaticano, "o papa afirmou que a teoria da evolução e a fé em Deus são assuntos compatíveis. A Igreja há muito tempo admite que alguns textos bíblicos são narrativas alegóricas, que não devem ser tomadas ao pé da letra. É o caso do Gênesis". Assim, a Igreja Católica ecoa a voz daqueles que fazem dos primeiros capítulos do Gênesis objeto de rejeição e repulsa.

O profeta Jeremias escreveu algo que bem pode ser aplicado a esse comportamento: "eis que a Palavra do Senhor é para eles coisa vergonhosa; que não gostam dela." (Jer. 6:10). O homem envergonha-se do Gênesis. Como o primeiro capítulo desse livro é caracterizado por muitas repetições, é tido como infantilidade. Não recebendo o devido crédito, é visto apenas como um conjunto de alegorias e contos de fada.

Autenticação

De acordo com o livro de Gênesis, "no princípio, Deus". Nada havia no princípio, além de Deus. E, se havia Deus, havia tudo. No relato da criação, é dito no primeiro capítulo: "E disse Deus". Essa frase é repetida nove vezes. Para cada ato da criação, o autor repete a expressão, mostrando que a luz, o firmamento, a relva, as árvores e toda a vegetação, não surgiram por obra do acaso evolutivo ou transformista, não. O Senhor disse o que queria, e tudo

foi aparecendo. Sua palavra tem poder criador. O mesmo é verdade quanto aos astros, constelações e galáxias, aves, animais e peixes do mar.

O aparecimento das coisas era antecedido por uma ordem de Deus. Cada dia, o Senhor autenticava no cartório do Universo Sua obra criadora. O salmo 33: 6 e 9 confirma que quando Deus falava as coisas iam aparecendo; quando ele ordenava, tudo ia surgindo; quando mandava, as maravilhas da criação eram formadas. Assim Deus ia autenticando sua obra como Criador.

Os evolucionistas, os de mentalidade secularizada, não aceitam o fato bíblico de um homem feito do pó da terra, e uma mulher formada de uma costela. Muito menos uma serpente falando, uma arca cheia de animais, agitada de um lado para outro pelas águas de um dilúvio. As declarações do Gênesis não cabem nos tubos de ensaio. Somente têm valor a insemiinação artificial, as barrigas de aluguel, os foguetes espaciais e, por último, a clonagem de animais. Mas a afirmação "E disse Deus" chama a atenção de todos para o fato de que sempre houve um Deus que "fez a Terra pelo Seu poder; estabeleceu o mundo por Sua sabedoria e com a Sua inteligência estendeu os Céus" (Jer. 10:12).

"E foi tarde e manhã" é outra expressão que mostra Deus autenticando, dessa vez, o tempo usado em cada dia, na realização de Sua obra. Tal repetição revela também que o Senhor estava criando a semana de sete dias, cada um deles formado de tarde e manhã, totalizando 24 horas. As repetições do Gênesis mostram quem criou, como criou e em quanto tempo criou.

"Tarde e manhã" não indica que o Senhor necessitou estar empenhado durante as 24 horas do dia, lidando com cada coisa criada. Tampouco a tarefa provocava cansaço ao Criador. "Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da Terra, nem se cansa nem se fatiga?" (Isa. 40:28).

Há mais uma frase que é repetida sete vezes: "e viu Deus...". Cada ato diário da criação era colocado para avaliação do próprio Deus. Ao avaliar o Senhor o que foi feito no primeiro dia, foi esta a conclusão: "E viu Deus que a luz era boa." Nos próximos cinco dias, "viu Deus" que tudo era bom. O que fora criado até então passara no teste de avaliação, e Deus imprimiu em cada feito o selo de qualidade.

No apagar das luzes do sexto dia,

com Adão e Eva já criados, o Senhor fez uma somatória de tudo o que fora criado. E o autor do Gênesis anota, colocando algo como um superlativo: "E viu Deus que tudo era muito bom." Perfeito. Extraordinariamente belo. Nada a ser acrescentado ou diminuído. Nenhum remendo, nada que precisasse mudar de posição. O tudo que era muito bom não deixou espaço para qualquer ação evolutiva ou transformista, abarcando milhões de anos. Somente uma coisa foi acrescentada: o sétimo dia, por Ele abençoado e santificado. Tudo estava pronto para uso imediato. Foi feita a entrega das chaves, como também do alvará de "habite-se". Na cerimônia, foi dito ao jovem casal de inquilinos: "Dominai sobre tudo."

Ingrediente indispensável

A Santa Bíblia com o Gênesis continuam desafiando os que duvidam de sua inspiração. Os Céus, hoje como na primeira noite, continuam declarando "a glória de Deus; o Sol governando o dia, e a Lua governando a noite.

É verdade que milhares de pessoas apreciam partes selecionadas das Escrituras. Os Salmos 23 e 19, e outros; o Sermão da Montanha, em particular as bem-aventuranças, o poema do amor em I Cor. 13, etc. Resistem, no entanto, aceitar a Bíblia como um todo inspirado, contendo as "sagradas letras". Resistem aceitá-la como norma de vida, bússola, mapa e guia, para que os homens venham praticar seus ensinamentos. Não a aceitam como uma luz tão necessária para guiá-las nos escuros dias atuais.

Isso acontece porque falta um ingrediente que faz a diferença: fé. "Sem fé é impossível agradar a Deus." "Pela fé, entendemos que foi o Universo formado pela Palavra de Deus." (Heb. 11:3). "O poder que trouxe os mundos à existência está na Palavra de Deus", diz Ellen White. A mensagem reservada como última advertência para os últimos dias traz em seu bojo a verdade criacionista: "Temei a Deus e dai-Lhe glória... adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas." (Apoc. 14:7). Fala também dos verdadeiros adoradores, quando diz: "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus." (v. 12).

Essa mensagem tem-se estendido até os confins da Terra, alcançando homens e mulheres, transformando-os em adoradores do verdadeiro Deus.

Encontro com o Criador

LÉO RANZOLIN

Vice-presidente da Associação Geral da IASD



Viajando pelos Estados Unidos, algum tempo atrás, deparei-me com um artigo intitulado "Sabedoria antiga", que revelava a descoberta do dia de sábado feita por uma senhora judia. Como todos os habitantes da Terra, ela estava se defrontando com a correria da época atual. Simplesmente não encontrava tempo para nada, até que resolveu separar um dia para descanso, cada semana. O dia escolhido foi o sábado, um dos dons mais preciosos para a humanidade.

Desde que se uniu ao seu povo, do pôr-do-sol de sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado, não trabalha na cozinha, não faz compras nem paga contas, não trabalha no jardim; nada de limpeza da casa ou reparos no automóvel. Atividades profissionais, nem pensar. Tudo isso já foi providenciado nos seis dias anteriores. O sábado agora está reservado para o repouso, um momento para saborear a doçura da vida, com uma refeição deliciosa, descansar, ler, partilhar, testemunhar.

Sua vida pessoal, familiar e profissional tomou nova dimensão e mudou muito, para melhor. Em meio à agitação da vida ma-

terial, encontrou um espaço para refrigério e procura desfrutá-lo da melhor maneira possível.

Tudo começou quando, depois de 22 anos de casada, ela e seu esposo se encontraram perdidos num mundo de controle do tempo, crescimento e mudança. Nesse ambiente, surgiram muitos atritos conjugais. O capítulo de um livro a respeito da celebração semanal do sábado fez a diferença. Ambos leram e discutiram o assunto, decidindo colocar em prática o princípio aprendido. A vida familiar foi transformada.

Na primeira sexta-feira, a senhora limpou a casa, fez pão e preparou a comida para durar até o fim do sábado. Ficaram de lado as compras e pagamentos. Os filhos aceitaram o desafio de desligar a televisão e a visita aos jogos de vídeo. Pais e filhos, participando juntos de passeios através da Natureza, encontraram finalmente a nova dimensão do sábado.

A autora do artigo o conclui advertindo que estamos na aurora de um novo milênio e os nossos problemas não são diferentes. Os homens, porém, se esqueceram da maior e mais linda dimensão do sábado: um dia de refrigério, um período para recarregar as baterias, para juntos apreciarmos as belezas naturais, mas, acima de tudo, um dia de louvor e adoração ao Criador do Universo. O dia de encontro com o Rei do Céu.

Monumento à criação

Segundo o relato do Gênesis, "assim, pois, foram acabados os céus e a Terra, e todo o seu exército. E havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele des-

cansou de toda a obra que, como Criador, fizera" (Gên. 2:1-3).

Após ter criado o ciclo da semana, o Senhor descansou no sétimo dia. Mas Ele não necessita de descanso: "Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da Terra, nem Se cansa nem Se fatiga? Não se pode esquadrihar o Seu entendimento." (Isa. 40:28). De modo que, ao descansar no sétimo dia, Deus simplesmente dava Seu exemplo de como a humanidade deve agir.

Segundo o Dr. Alberto Timm (*Revista Adventista*, jul./98), o sábado é um santuário de Deus no tempo, no qual todos podem entrar. Realmente, é um palácio no tempo. A palavra sábado é definida como uma seção do tempo; palavra de origem árabe, que significa "cortar um pedaço", "tempo cortado" e separado para o descanso.

No dia 31/05/98, o papa João Paulo II dirigiu uma carta pastoral, de quase 40 páginas, ao mundo católico. O assunto foi a observância do domingo. O mundo protestante e, principalmente, os adventistas do sétimo dia ficaram excitados ao lerem esse documento. Houve quem visse na carta papal um sinal de que estamos chegando ao fim. É verdade que o pontífice romano faz um ataque ao secularismo que permeia a Igreja, e, na realidade, não sabemos qual é sua agenda e quais seriam as implicações teológicas.

Mas um ponto interessante a ser observado é que o papa revela ser o sábado um memorial da criação: "Saído assim das mãos de Deus, o Universo traz em si a imagem de Sua bondade. É um mundo belo, digno de ser admirado e gozado, mas também destinado a ser cultivado e desenvolvido", diz a carta. Ele menciona que

é muito importante a relação entre o "Criador e o mundo criado".

Devemos, pois, lembrar nesse dia do poder criador de Deus e compreender o maior significado do repouso requerido, ou seja uma "recriação". O Senhor criou o mundo em seis dias, mas nós podemos em apenas um dia ser restaurados de nossa vida de pecado e transformados pelo poder do Espírito Santo, que está criando súditos para o reino celestial. E Deus não descansa enquanto isso não acontecer.

Aquele que criou o Universo cria em nós um novo espírito e uma nova vida

Aquele que criou o tempo dedica tempo para nossa restauração final.

Aquele que descansou de Suas obras não mede esforços para que descansemos em Cristo Jesus.

O sábado é um dia em que sentimos as bênçãos divinas fluindo em nossa vida e infundindo-nos coragem e ânimo para enfrentarmos as batalhas de cada dia. Suas restrições não podem ser um fardo. Por isso deveríamos evitar a conotação negativa do "não pode", "é proibido", etc. Em lugar da ênfase dada à impossibilidade de ver televisão, por exemplo, ressaltamos os benefícios de contemplar as maravilhas da criação.

"Visto que o sábado é a memória do poder criador, é o dia em que de preferência a todos os outros devemos familiarizar-nos com Deus mediante Suas obras. Na mente infantil, o próprio pensamento do sábado deve estar ligado à beleza das coisas naturais." – *Educação*, pág. 251.

Sinal de santificação

No livro do profeta Ezequiel, encontramos uma ordem de Deus ao povo de Israel: "Santificai os Meus sábados, pois servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o Senhor vosso Deus" (Eze. 20:20). Essa é a marca distintiva da lealdade humana para com Deus. Caracteriza nossa aceitação dEle como Criador e nosso reconhecimento da Sua soberania universal.

Outra dimensão da guarda do sábado é a santificação, através da comunhão com o Criador. Santificar significa colocar à parte; que implica a necessidade de separar-nos do mundo e seguirmos o Salvador. Por isso é que, no sábado, as atividades rotineiras devem ser deixadas de lado, para que nos apropriemos de Cristo.

A comida deve ser especial, para que compreendamos quão especial é o Pão da Vida.

A roupa deve estar limpa e asseada, para entendermos a pureza das vestiduras de justiça que Jesus nos oferece.

Nossos pensamentos devem estar sintonizados com Cristo para que possamos ser transformados por Seu Espírito.

Cessamos os trabalhos seculares, para que o Senhor possa operar em nosso coração.

"Nunca no sábado! O gigante de dois metros, Sam Randolph, ora, mas não joga no sábado." Com esse título, uma matéria do *Sports Illustrated* (09/03/98), destacou um jovem adventista que cursa o terceiro ano de uma faculdade em Takoma Park, Estados Unidos. Entre outras coisas, o artigo mencionou que o jovem acredita que Deus o está vigiando, e por isso não vai a festas; não mantém relações sexuais pré-conjugais e não trabalha desde o pôr-do-sol de sexta-feira até o pôr-do-sol de sábado.

Um aluno brilhante, com notas elevadas, assediado pelos recrutadores de prati-

É preciso renovar a excelência do sábado entre nós.

cantes do basquete, propaga sua escolha – fidelidade a Deus. Com uma média de 20.8 cestas, 11.6 rebotes e 2.2 bloqueios por jogo, sua prioridade é ser leal a Deus. Ávido leitor e pianista, planeja ainda estudar medicina na Universidade Loma Linda. E decreta: "Estou bem por não fazer uma carreira no basquete. Seria formidável, mas tenho maiores aspirações."

Aí está, aos olhos do mundo, um sinal de compromisso com Deus. Todos quantos assumem tal posição serão recompensados: "Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da Terra e te sustentarei com a herança de

teu pai Jacó; porque a boca do Senhor o disse." (Isa. 58:13 e 14).

Precisamos renovar a excelência do sábado entre nossos irmãos. Há uma certa displicência, falta de cuidado, abuso, e até mesmo descuido em relação às horas sagradas. Mesmo como pastores, devemos estar alertas quanto a realizar e promover certas atividades do nosso trabalho que nos subtraem o verdadeiro espírito sabático. Determinados assuntos da agenda de alguma comissão eclesial são mais apropriados para quaisquer outros dias da semana, o mesmo acontecendo com a correria de um lugar para outro.

Deve haver uma reforma dentro da Igreja, para que voltemos aos princípios sagrados do dia de repouso e sejamos "reparadores de brechas". É mister que façamos uma nova descoberta das bênçãos e das alegrias do dia do Senhor.

Memorial da redenção

Deus indicou aos israelitas que o sábado seria um memorial da libertação que desfrutaram ao sair do Egito:

"Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado." (Deut. 5:15). Jamais deveria ser esquecido de que a mão que criou o Universo foi também a mão libertadora do cativo. "O sábado é um sinal do poder criador e redentor; ele indica a Deus como a fonte da vida e do saber; lembra a primitiva glória do homem, e assim testifica do propósito de Deus em criar-nos de novo à Sua própria imagem." – *Educação*, pág. 250.

O criador do Universo é também nosso redentor, desde a fundação do mundo. O pecado deixou marcas em nosso planeta; o mundo agonizante parece dar seus últimos suspiros. Secas, furacões, tornados, inundações e terremotos estão revelando que vivemos nos últimos dias. Logo a Terra será transformada, e os redimidos do Senhor, igualmente transformados, continuarão seu louvor e adoração a Deus "de um sábado a outro" (Isa. 66:22 e 23), na eternidade. Tal experiência pode e deve ser antecipada. Podemos vivê-la aqui e agora.

Deus criou o sábado e o santificou para nossa alegria. Deseja que ele seja uma bênção para Seus filhos. É um memorial da Sua criação, um sinal distintivo entre Deus e Seu povo, sendo também um memorial do Seu infinito poder de transformar-nos à Sua semelhança e fazer-nos voltar à pureza e santidade edênicas.

Pense nisto



Dentre as muitas citações que coleciono em meu arquivo, selecionei algumas para sua reflexão. Ei-las:

"Se metade da igreja levasse a sério a noção de que cada membro – homem ou mulher – é realmente um ministro de Cristo, teríamos algo como uma revolução em pouco tempo." – *Elton Trueblood*.

"Você pode encontrar derrotados, mas você não deve ser derrotado." – *Maya Angelou*.

"Em dias de trevas, quando as aparências são demasiadamente ameaçadoras, tenha fé em Deus. Ele está trabalhando para seu bem, fazendo tudo em favor de Seu povo. As forças daqueles que O amam e servem serão renovadas dia a dia." – *Ellen White*.

"Comece com o fim em mente. Se a escada não está apoiada na parede certa, cada passo dado nos levará ao lugar errado mais rapidamente." – *Stephen Covey*.

"Não morda a isca do prazer até que você saiba que não há um anzol preso a ela." – *Thomas Jefferson*.

"Tão importante como conhecer o dom que Deus lhe deu, é saber quais Ele não deu. Muitos cristãos tentam por anos trabalhar com dons que nunca receberam, e isso prejudica o trabalho do Senhor. É como tentar ouvir algo com o joelho ou chutar uma bola com o nariz. Joelhos e nariz foram feitos para outras coisas." – *C. Peter Wagner*.

"As ações dos filhos louvam o caráter do pai." – *Provérbio africano*.

"Atire uma pedra no rei, e ele não pres-

tará atenção. Coloque-a em seu sapato e ele ficará manco." – *Marilyn vos Savant*.

"O sangue do Cordeiro é um purificador real, que remove o pecado. Isso nós cremos e proclamamos, e por ele nós vencemos." – *Charles Spurgeon*.

"Um sorriso é um investimento barato que rende uma fortuna." *Judy Holbrook*.

"Treine uma criança no caminho em que deve andar, enquanto você mesmo o trilha." – *Josh Billings*.

"Perdoar não é um ato ocasional. É uma atitude permanente." – *Martin Luther King Jr.*

"No fim de sua vida, você não deverá lastimar não ter sido aprovado em muitos concursos, não ter vencido muitos julgamentos, ou não ter fechado mais um negócio. Você lamentará não ter dispensado mais tempo ao cônjuge, a um amigo, ao filho, ou aos pais." – *Barbara Bush*.

"Rara é a pessoa que pode pesar as faltas de outros sem colocar seu polegar na balança." – *Byron J. Langenfield*.

"Quando encontrar alguém que tenha alguma coisa contra você, desarme-o com a força do amor." – *Reba Fiehlthorn*.

"Pelo sangue e pela origem, eu sou albanesa. Minha cidadania é indiana. Eu sou uma freira católica. Quanto ao meu chamado, pertencço ao mundo. Quanto ao meu coração, pertencço inteiramente ao coração de Jesus Cristo." – *Madre Teresa de Calcutá*.

"A verdade é indiscutível. O pânico pode ressentir-se dela. A ignorância pode ridicularizá-la. A malícia pode distorcê-la. Mas ela é a verdade." – *Sir Winston Churchill*.

"Os métodos de grupos cristãos ou igrejas são tão importantes quanto sua mensagem." – *Francis Schaeffer*.

"Deus nos livre dos cristãos que julgam a veracidade ou validade de qualquer plano ou sistema, pelo ajuste deles à sua própria agenda." – *David Allan Hubbard*.

"Os cães ladram, mas a caravana passa." – *Provérbio árabe*.

"Não existem coincidências. Elas são, na verdade, milagres nos quais Deus escolheu permanecer anônimo." – *Art Tonkinson*.

"Se não nos levantarmos para alguma coisa, cairemos por qualquer coisa." – *Irene Dunne*.

"Deus nem sempre aplaina o caminho, mas algumas vezes Ele coloca molas no vagão." – *Marshall Lucas*.

"Se você só trabalha para ser apreciado, deve estar preparado para se comprometer com qualquer coisa em qualquer tempo. E não conquistará nada." – *Margaret Thatcher*.

"Quando você educa um homem, você educa um indivíduo; mas quando educa uma mulher, você educa uma nação." – *Johenetta B. Cole*.

"Eu não saio para pregar apenas porque esse é o meu desejo; mas para cumprir a ordem de Cristo. Ele disse: 'Ide...', para todos os Seus discípulos. Assim, devemos ir e testemunhar pela maneira como vivemos e pela nossa pregação verbal a respeito da morte, sepultamento, e ressurreição de Cristo, bem como a necessidade de arrependimento e crença. Eu não tenho a menor dúvida sobre meu chamado para essa tarefa." – *Billy Graham*.

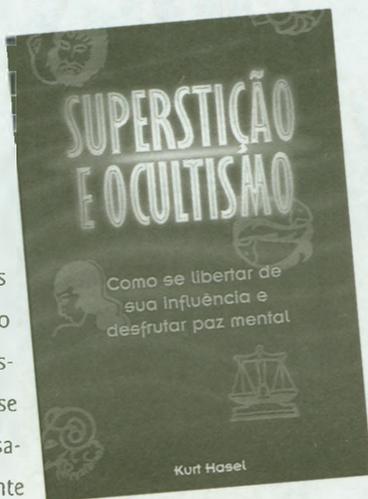
James A. Cress.

SUPERSTIÇÃO E OCULTISMO

– Kurt Hasel, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34; 18270-000 Taubaté, SP; 205 páginas.

Para muitos, as atividades no campo da superstição, do ocultismo e do espiritismo estão na ordem do dia. Não se tratam, porém, de um passatempo inofensivo. O alarmante é que muitas pessoas, de todas as camadas sociais, sofrem sob o fardo resultante de práticas no campo do ocultismo.

Este livro não somente descreve as diferentes práticas de ocultismo e o fardo que elas provocam, como também mostra o caminho da libertação, que muitos leitores já decidiram seguir.



EL DIOS QUE HABLA Y MUESTRA

– Leo Van Dolson, Asociación Casa Editora Sudamericana, Av. San Martín 4555; 1602 Florida, Buenos Aires, Argentina, 127 páginas.

Sendo impossível à mente humana descobrir o que necessitamos saber acerca de Deus, Ele nos revela e nos fala tudo o que podemos captar sobre Sua natureza e bondade infinitas. A revelação mais plena e clara de Deus está em Sua palavra escrita, a Bíblia, e na Palavra viva, Jesus Cristo. Nosso desafio é desenvolver uma estreita confiança com o Senhor. Quando isso acontece, os escritos inspirados que Ele nos deu para ajudar a compreender Suas revelações serão refletidos em nossa vida e em um ensinamento unificado, baseado no que Deus nos mostra e nos diz.

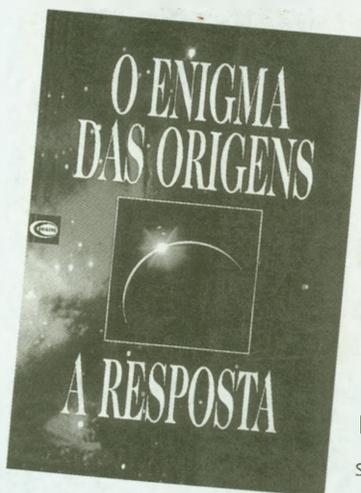


O ENIGMA DAS ORIGENS: A RESPOSTA

– Henry M. Morris (editor), Editora Origens, Associação Brasileira de Pesquisa Criacionista; Belo Horizonte, MG; 265 páginas.

O Enigma das Origens é a resposta às interrogações do homem sobre sua origem e seu futuro. Não sendo escrito por um autor, está livre de

apresentar uma visão particularizada das origens. Uma equipe de destacados cientistas norte-americanos produziu, sob a coordenação do Dr. Henry M. Morris, um texto amplo e abrangente a fim de que as dúvidas sobre o assunto sejam dissipadas.



A REVOLUÇÃO DOS CAMPEÕES

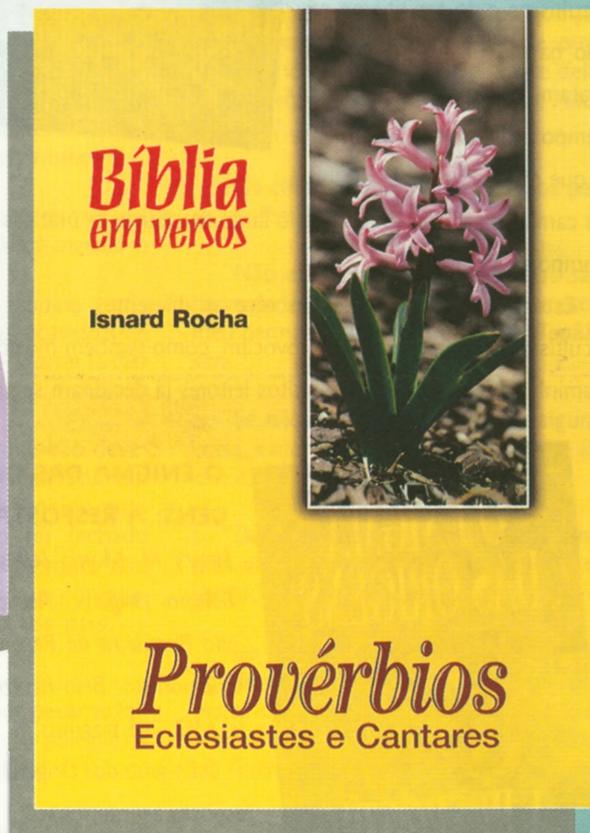
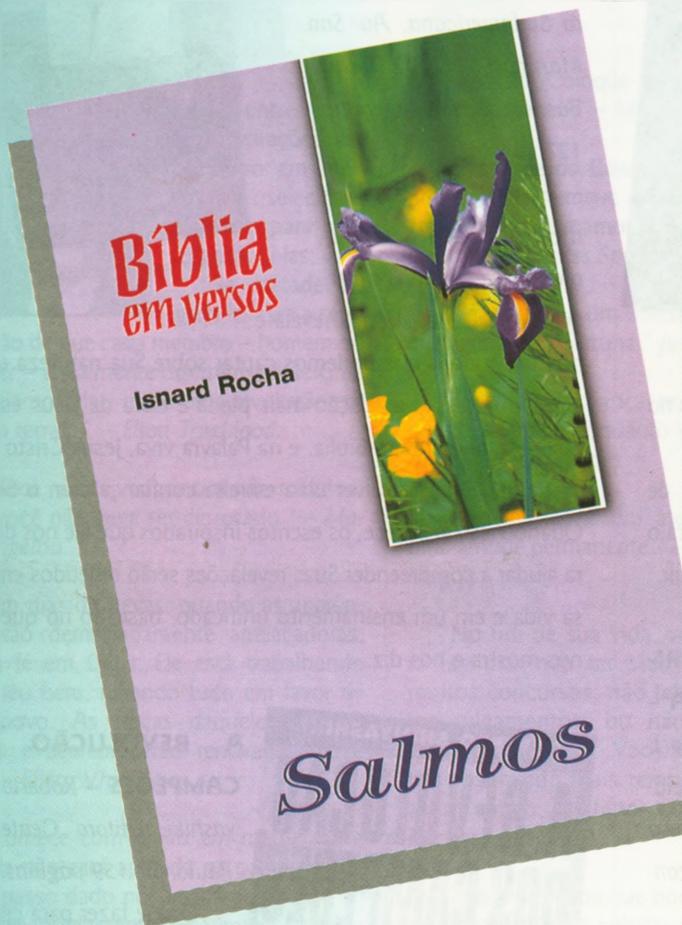
– Roberto Shinyashiki, Editora Gente; São Paulo, SP, 159 páginas.

O que fazer para criar em nosso trabalho vitórias que sejam duradouras? Como fazer para que não sejamos devorados pelas mudanças rápidas que caracterizam os nossos dias? Neste livro, Roberto Shinyashiki

indica um caminho para estruturar uma carreira profissional vitoriosa. *A Revolução dos Campeões* mostra um modelo de realizações que estimula o crescimento, sem soluções mágicas. Embora direcionado à atividade empresarial, contém princípios de liderança e que são voltados para a busca do êxito, válidos em quaisquer atividades.

LANÇAMENTO

BÍBLIA, PRESENTE DE DEUS



Bíblia em versos

Para você

- ler e apreciar
- decorar
- dar de presente



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**